



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA – UFV
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCH
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – DCS
DEPARTAMENTO DE LETRAS – DLA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

**ETNOGRAFIA DO AGENCIAMENTO DA CORPORALIDADE SURDA E
DA LIBRAS NOS ESPAÇOS RELIGIOSOS PROTESTANTES EM
VIÇOSA, MG**

André Luis Santos de Souza

Orientadora: Profª. PhD. Ana Luisa Borba Gediel

Viçosa, MG, 19 de dezembro de 2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA – UFV
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCH
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – DCS
DEPARTAMENTO DE LETRAS – DLA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

**ETNOGRAFIA DO AGENCIAMENTO DA CORPORALIDADE SURDA E
DA LIBRAS NOS ESPAÇOS RELIGIOSOS PROTESTANTES EM
VIÇOSA, MG**

André Luis Santos de Souza

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Viçosa – UFV, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais, sob orientação da professora pós-doutora em Antropologia Língua Social Ana Luisa Borba Gediel.

Viçosa, MG, 19 de dezembro de 2016

**ETNOGRAFIA DO AGENCIAMENTO DA CORPORALIDADE SURDA E
DA LIBRAS NOS ESPAÇOS RELIGIOSOS PROTESTANTES EM
VIÇOSA, MG**

André Luis Santos de Souza

Prof.^ª. PhD Ana Luisa Borba Gediel

Prof. Dr. Marcelo José Oliveira

Prof. M.S. Charley Pereira Soares

Prof.^ª. M.S. Nádia Dutra de Souza

Menção Final	
--------------	--








Agradecimentos



Agradeço a oportunidade de ter desenvolvido este estudo com a colaboração de todos os agentes envolvidos direta e indiretamente com ele. Agradeço aos meus amigos surdos e intérpretes pela convivência e boa receptividade durante o desenvolvimento do trabalho de campo. Agradeço imensamente à professora Ana Luisa Borba Gediél, à professora Joziane Ferraz de Assis e à cientista social Isabelle Araujo, pelo apoio e paciência. Agradeço aos programas FUNARBE e FAPEMIG por terem financiado parte da pesquisa.

Um agradecimento especial ao meu pai João Ciro e minha mãe Maria Madalena bem como também a todos os meus familiares que me apoiaram nessa caminhada.

SUMÁRIO

Capítulo		Introdução	09
Capítulo		Perspectiva Teórica	12
		2.1 Como analisar os esquemas de relevância no agenciamento da língua de sinais?	15
		2.2 Como analisar os esquemas de relevância no agenciamento do corpo surdo?	17
Capítulo		Procedimentos Metodológicos	19
		3.1 Contextualização do campo	21
		3.2. A etnografia	23
		3.3. As técnicas utilizadas na coleta de evidências.	24
		3.3.1. As Entrevistas Qualitativas Semidiretivas e Aprofundadas	25
		3.3.2. Observação Participante	27
Capítulo		Apresentação e discussão de alguns dados	28
Capítulo		Quando  e  vão à igreja a LIBRAS acontece	38
		5.1. O “espaço religioso”	40
		5.2. A Igreja Batista	42
		5.3 A Igreja Presbiteriana	44
		5.4. Agenciamento da corporalidade surda e da LIBRAS	45
		Considerações Finais	52
		Referências Bibliográficas	56

Lista de quadros e figuras

QUADROS

1.	Eixos de análise e categorias analíticas – corpo e língua surda.	18
2.	Anagrama representando a rede comunicativa surda em Viçosa: base para as relações sociais entre surdos e ouvintes, interligando as pessoas e os instrumentos que conformam a cidade na vivência cotidiana das pessoas – Produzido com base nos estudos de Barnes, 1987.	26
3.	Apresentação dos sujeitos da pesquisa e sua relação com a LIBRAS	30
4.	Anagrama para observação do agenciamento LIBRAS e da corporalidade surda no espaço religioso	39
5.	Agenciamento da LIBRAS no contexto religioso	45

IMAGENS

1.	Mapa retratando a região onde está Viçosa, denominada Zona da Mata Mineira	22
2.	Características dos parâmetros gramaticais do sinal SURDO: CM – um, L – ouvido, M – deslizar até a boca, OR – para dentro, ENM – não tem.	32
3.	Fotografia fornecida por um amigo surdo retratando a comemoração de aniversário do Ministério com Surdos “falando com o pai”. Surdo e intérpretes posam para a foto.	33
4.	Retrata a ocorrência da língua de sinais durante o culto religioso. Na ocasião, observamos os fiéis fazendo um sinal emprestado da língua americana de sinais, com significado “amo você” ou “amor”	41
5.	Sinal “agradecer” no sentido de retribuir educadamente por um favor feito, e o sinal “agradecer” a Deus por alguma dádiva	46

Resumo

O presente estudo é resultado de uma pesquisa etnográfica envolvendo agentes surdos e intérpretes da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Partiu-se da hipótese de que a Corporalidade Surda e a LIBRAS são agenciadas durante as interações face a face quando ocorrem os encontros do ritual de celebração da Igreja Batista e Presbiteriana em Viçosa. Fomos a campo para compreender como ocorria o agenciamento do corpo e língua surda nos espaços religiosos selecionados. Com a entrada em campo, descobrimos, através de entrevistas com intérpretes e surdos, a existência de uma rede social. Esta mobilizava os agentes em torno da LIBRAS. Percebemos que alguns agentes surdos atuavam como líderes na difusão, ensino e defesa da língua de sinais no município. Investigando mais de perto, percebemos, ainda, que os principais agentes da rede possuíam relação com os espaços religiosos supracitados. Portanto, o passo seguinte foi mobilizarmos a técnica de observação participante, passando a acompanhar, junto aos surdos, do ritual de celebração nas igrejas que frequentavam. Ao longo do trabalho de campo, foi possível evidenciar que os espaços religiosos analisados, além de garantirem a ocorrência da LIBRAS, ainda influem, modificando a estrutura interna e externa de alguns sinais. Portanto, a agência da corporalidade surda e da LIBRAS acontece de três formas no espaço religioso: (i) quando, na concepção religiosa, é importante levar a palavra de Deus até o povo surdo, (ii) quando existem intérpretes inseridos na doutrina religiosa que, voluntariamente, realizam a interpretação no cultos e, (iii) quando os surdos vão à igreja.

Abstract

The present study is the result of an ethnographic research involving deaf agents and interpreters of the Brazilian Sign Language - LIBRAS. It was hypothesized that LIBRAS and the Corporal Deaf suffer agency during the face-to-face interactions in the meetings during the celebration ritual of the Baptist and Presbyterian Church in Viçosa. We went to the field to understand how the agency of the body and deaf tongue occurred in the selected religious spaces. With the entrance on the field, we discovered through interviews with interpreters and deaf the existence of a social network. This mobilized the agents around the LIBRAS. We noticed that some deaf agents acted as leaders in the diffusion, teaching and defense of sign language in the municipality. Investigating more closely, we also realized that the main agents of the network had a relationship with the aforementioned religious spaces. Therefore, the next step was to mobilize the technique of participant observation and began to participate with the deaf the ritual of celebration in the churches that he attended. Throughout the field work it was possible to show that the analyzed religious spaces, besides guaranteeing the occurrence, still influence agency in the internal and external structure to the LIBRAS. Therefore, the agency of deaf “embodiment” and LIBRAS takes place in three ways in the religious space: (i) when, in the religious conception, it is important to take the word of God to the deaf people, (ii) when there are interpreters inserted in the religious doctrine, voluntarily perform the interpretation in the services, and (iii) when the deaf go to church.

Capítulo : Introdução

A discussão antropológica permite visualizar perspectivas êmicas construídas a partir de diferentes olhares sobre os corpos surdos na contemporaneidade. Observa-se que, a partir de meados do século XX, o corpo surdo passa a ser interpretado e (re)significado com base na experiência e não a partir da ausência da audição. Esta perspectiva apresentava uma interpretação holística sobre o corpo, influenciada, após a década de 1970, pelos estudos linguísticos realizados por William C. Stokoe (1919-2000) sobre *American Sign Language* e, também, a partir das contribuições dos estudos feministas acerca do “modelo social da deficiência” formulado por Débora Diniz (2003). Nessa linha, os surdos passaram a ser tratados como sujeitos diferentes, constituídos de uma língua e cultura própria, concepção contrária as práticas apoiadas em métodos educacionais e terapêuticos inspiradas no Oralismo¹.

No Brasil, o corpo e língua surda atualmente são dispostos dentro de um campo de tensão multifacetado, onde se colocam diferentes identidades e corporalidades² acerca da experiência do ser/estar surdo. Nessa vertente, alguns estudiosos, agentes e comunidades surdas passaram a manifestar uma concepção diferente, que tornava visível a LIBRAS e desviava “a concepção da surdez como deficiência – vinculada às lacunas na cognição e no pensamento – para uma concepção linguística e cultural” (GESSER, 2009, p.10).

Outra perspectiva surge, denominada de socioantropológica. Com ela são desenvolvidas inúmeras iniciativas de pesquisa, ensino e extensão no que tange à educação de surdos e, mais recentemente, em relação à percepção destes enquanto uma minoria étnico-linguística (QUADROS & KARNOPP, 2004; STROBEL, 2009; ASSIS SILVA, 2012). Essas iniciativas

¹ Em Milhão, Itália, em 1880 ocorreu o II Congresso Mundial de Educação de Surdos. Neste, foi votado pela maioria o futuro da educação dos surdos através do método oral ou oralismo, considerado adequado para as pessoas com surdez. O Oralismo “garantiria” (nesta perspectiva) integração na sociedade ouvinte. Essa visão era integracionista, e as técnicas utilizadas forçavam os indivíduos surdos a aprender a fazer leitura labial, vocalizar os sons codificados na língua oral. Após as novas definições vindas desse encontro, as Línguas de Sinais foram proibidas na esfera educacional, e após tal evento elas ficaram mais de cinquenta anos estas ficaram a margem do Estado.

² Corporalidade é a tradução do conceito *embodiment* conhado por Thomas Csordas (2008) – refere-se a uma abordagem analítica para o estudo do sujeito e da cultura. A partir dos sentidos do corpo, intrinsecamente relacionados o indivíduo experiência o mundo e o simbolismo que o define. Neste sentido o conceito de corporalidade parte da concepção que a partir das experiências multissensoriais do corpo é que construímos cultura, língua, emoções, regras e esquemas de pensamentos. Também, utilizaremos a noção de Oliveira e Taborba de Oliveira (2005), entendendo a definição de corporalidade como sendo a expressão criativa e consciente do conjunto das manifestações corporais historicamente produzidas, que pretendem possibilitar a comunicação e interação de diferentes indivíduos com eles mesmos, com os outros, com o seu meio social e natural.

têm despertado a atenção de pesquisadores e agentes surdos atualmente, como por exemplo, o contexto observado em Viçosa a partir de 2010. No Departamento de Letras (DLA), da Universidade Federal de Viçosa (UFV), projetos e pesquisas voltados para essa temática iniciam. Como por exemplo, o desenvolvimento de projetos relacionados ao ensino e aprendizagem da LIBRAS, o Curso de Extensão em LIBRAS – CELIB e a disciplina de LIBRAS – LET290, além da pesquisa etnográfica intitulada *Sinais como Nomes Próprios: significados corporais a partir das especificidades da Língua de Sinais para as Comunidades Surdas*, financiada pela CNPq 2011/13-UFV e coordenada pela professora Ana Luisa Borba Gediel. Esta pesquisa, em especial, foi fundamental para nossa entrada em campo.

A presente pesquisa etnográfica foi iniciada em 2011 durante minha graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de Viçosa – UFV. O desenvolvimento do trabalho de campo contou com o apoio financeiro da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e da Fundação Arthur Bernardes (FUNARBE/UFV), durante os anos de 2013 e 2015 por aprovação do Comitê de Ética da UFV (CEP). A investigação partiu motivada a entender/compreender a complexidade envolvendo o fenômeno da Corporalidade Surda e da LIBRAS no município de Viçosa, MG. Neste sentido a Corporalidade Surda é entendida como as formas particulares dos surdos experienciam o mundo através da comunicação visual e psicomotora, considera-se a história biográfica do corpo-sujeito e sua relação com o contexto social.

O trabalho de campo foi realizado ao longo de quatro anos junto às vivências e reflexões acerca do cotidiano dos agentes surdos nos espaços sociais onde a LIBRAS é utilizada. Em agosto de 2011, iniciamos nossas reflexões, estimuladas, pela participação em um grupo de estudos intitulado “Antropologia Linguística: Experiências Corporais” (26/08/2011 à 02/12/2011). Essa experiência nos colocou diretamente em contato com a problemática acerca do corpo surdo e da língua de sinais nos espaços de sociabilidade. Desse modo, o grupo de estudos mobilizou importantes referenciais teóricos e metodológicos que possibilitaram pensar a corporalidade surda – a junção da língua e cultura das pessoas surdas de Viçosa, tendo como base metodológica as experiências do corpo-sujeito.

Com a inserção no campo, foi possível mapear uma rede social³ envolvendo surdos, intérpretes, intelectuais e professores. Em especial, foi constatada a atuação de agentes da rede nos espaços da Igreja Batista e Presbiteriana no município. Assis Silva (2012; 2013) chama atenção para as atividades exercidas na igreja Batista em relação à produção de vídeos, manuais em LIBRAS e cursos de formação de intérpretes. Essas ações foram relevantes para registrar a trajetória histórica da língua de sinais e da (re)significação da corporalidade surda no país.

As evidências, micro e macrosociológicas, supracitadas foram circunscritas no tempo e espaço com base nos dados mobilizados através do trabalho de campo entre os anos de 2011 a 2015. Investigamos a influência do espaço religioso no agenciamento da LIBRAS e do corpo surdo, ou seja, com base em uma inserção etnográfica buscamos averiguar como o corpo e língua surda sofrem agência pelos surdos e intérpretes durante as interações face a face (GOFFMAN, 1980) no momento dos cultos realizados na Igreja Batista e Presbiteriana. Seriam estes espaços importantes nichos de reinterpretação do corpo surdo e de mudança gramatical da LIBRAS quando esta remete-se ao sagrado? Durante a celebração nos cultos, é possível verificar a legitimidade da corporalidade surda e a difusão da língua de sinais?

Partimos da hipótese de que a língua de sinais sofre agenciamento em sua estrutura gramatical e *performance* durante o ritual de celebração nos cultos da Igreja Batista e Presbiteriana. Esses espaços religiosos representariam um espaço de legitimação da corporalidade surda, por incluir os surdos na interação social por meio da LIBRAS e proporcionar cursos de formação de intérpretes para atuar na igreja. A partir desta pesquisa etnográfica, foi possível elucidar dois espaços principais no município em que a LIBRAS acontece, a saber: (i) os espaços religiosos, principalmente presbiterianos e (ii) o espaço acadêmico. Ambos os espaços apresentam uma estreita relação com os eixos analíticos mobilizados pelo estudo, entretanto, nosso enfoque está no agenciamento da LIBRAS pelos surdos e intérpretes que frequentam (ou frequentavam) os espaços religiosos protestantes supracitados.

O presente trabalho está dividido em cinco capítulos (contando a introdução), subcapítulos, considerações finais e referências bibliográficas. Utilizaremos a configuração de mão referente aos numerais em LIBRAS para indicar a sequência dos capítulos. O capítulo 🖐️ destacaremos a

³ Para J. Barnes (1987) uma “rede social” seria, portanto, uma construção social de relações de grandezas distintas, mas que possibilitariam o contato entre os diversos elementos que iriam gerar sua composição (por exemplo, parentesco, vizinhança, laços políticos, dentre outros). Esse conceito de rede poderia ser aplicado para diversos estudos sociais, sendo útil (*apud* ENNE, A. L. 2004, p.264-273).

perspectiva teórica que serviu de aporte para o desenvolvimento da etnografia e análises das evidências verificadas. No capítulo 🖐️, apresenta o percurso teórico- metodológico mobilizado para averiguar nossa hipótese de pesquisa, delineando o método etnográfico e os recursos técnicos como entrevistas, diário de campo e observação participante utilizados no trabalho de campo. Para o capítulo 🖐️, reservamos a descrição e discussão de alguns dados, explicitando a existência de uma rede social no município composta por três surdos que possuíam maior número de interconexões com outros agentes na rede. Além disso, estes surdos atuavam junto aos espaços religiosos protestantes investigados. Por conseguinte, o capítulo 🖐️ articula as experiências e evidências observadas no campo e sintetiza os dados com base em dois eixos e categorias analíticas nativas, produzidas para auxiliar nas interpretações dos eventos sociais em questão. Para fechar, traremos as considerações finais alcançadas após o desenvolvimento do trabalho de campo.

Capítulo 🖐️: Perspectiva Teórica

Este capítulo apresenta uma breve discussão teórica que deu suporte para analisar as evidências averiguadas no trabalho de campo. Faremos uma sucinta contextualização da existência dos surdos em meio às sociedades ouvintes ao longo da história, das conquistas de direitos dos surdos no século XX e XXI, da perspectiva teórica e analítica da Antropologia Linguística e das contribuições metodológicas da Antropologia do Corpo. Com base nisso, relacionamos essas duas áreas do conhecimento para nos ajudar a compreender os fenômenos relativos à problemática que se insere a pesquisa.

O fenômeno da ausência da audição esteve presente nas sociedades ao longo da história, no entanto, as formas de se relacionar com ele variaram no tempo e no espaço. Para os Gregos e Romanos, os surdos não eram considerados humanos, pois a fala para eles era o que definia nossa espécie. Aristóteles (século IV a.C.) afirmava que a audição e a fala eram cruciais para expor os indivíduos a um processo educacional. Percebeu-se que, até o século XV, os surdos, pelo menos no mundo ocidental, foram vistos como doentes e aberrações da natureza. Naquela época, o italiano Gerolamo Carnadano (1501-1576) inaugura uma concepção contrária, explicando que

não deveria ser impedimento para a instrução o fato de uma pessoa nascer sem audição. Nesse sentido, em 1620, o padre filósofo Juan Pablo Bonet (1576-1633) cria o primeiro tratado francês de ensino para surdos (CAPOVILLA, 2000; QUADROS, 2005; LOPES, 2008).

Com o passar dos anos, houve uma expansão e fortalecimento de uma nova concepção educacional, a socioantropológica. Michel de L'Épée (1712-1789), um educador filantrópico, defendeu a língua de sinais e criou, na França, a primeira escola pública voltada exclusivamente para atender alunos surdos. Este fato influenciou diretamente o contexto brasileiro. Aqui, em 1855, E. Huet “apresentou ao Imperador D. Pedro II um relatório cujo conteúdo revelava a intenção de fundar uma escola para surdos no Brasil. Neste documento, também informou sobre a sua experiência anterior como diretor de uma instituição para surdos na França: o Instituto dos Surdos-Mudos de Bourges” (<http://www.ines.gov.br/conheca-o-ines>. Acessado 8/12/16).

A perspectiva socioantropológica se coloca entre dois mundos: as percepções do ser/estar do corpo surdo e a percepções do ser/estar do corpo ouvinte. Essa dualidade, como categorias de pertencimento e significação multissensorial, demarca uma distinção (BOURDIEU, 2006). O choque de corporalidades entre ouvintes e surdos acontece primeiro na esfera familiar, uma vez que é grande a frequência com que pais ouvintes têm filhos que não ouvem. Nesse sentido, a família como primeiro espaço de sociabilização, é quem garante a construção linguística e cultural dos seus descendentes, podendo aceitar ou não a corporalidade surda:

Você fica fora da conversa à mesa de jantar. É o que se chama de isolamento mental. Enquanto todos os outros falam e riem, você se mantém tão distante quanto um árabe solitário num deserto que se estende para o horizonte por todos os lados. [...] Sente ansioso por um contato. Sufoca por dentro, mas não pode transmitir esse sentimento horrível a ninguém. Não sabe como fazê-lo. Tem a impressão de que ninguém compreende nem se importa. [...] Não lhe é concedida sequer a ilusão de participação (SACKS, O., 1990, p.136 *apud* STROBEL, 2009)

O trecho acima ilustra um pouco do confronto entre duas formas diferentes de se comunicar com o mundo. Ser surdo vai além das percepções culturais vivenciadas pelos ouvintes, uma vez que estas são produzidas pelas experiências corporais multissensoriais de cada um. As experiências bio-históricas irão conduzir os indivíduos à construção linguística e identitária a partir das relações sociais. Assim, perceber os sentidos atribuídos à corporalidade surda requer construirmos uma aparato etnográfico utilizando categorias nativas como base analítica. E, nessa linha de raciocínio, propor outro olhar: “não o da deficiência, mas o da diferença cultural” (LOPES, 2007, p. 9.).

Partindo da concepção da surdez como diferença, surgem, no Brasil, movimentos voltados para o reconhecimento do direito a essa diferença. A partir desse momento, outra concepção sobre o corpo surdo e a língua de sinais se institucionaliza, entretanto, sem necessariamente anular as práticas terapêuticas sustentadas por perspectivas educacionais e biomédicas que buscam oralizá-lo e tratar sua “deficiência auditiva”. Pelo fato da sociedade brasileira ser constituída massivamente por ouvintes, os arranjos sociais e esquemas foram pautados na compreensão de mundo por meio da língua oral-auditiva. Por conseguinte, em muitos casos, os indivíduos que não podem ouvir e nem falar o Português são, muitas vezes, excluídos dos espaços e processos de socialização. Tal isolamento acaba por cobrar um preço alto, impossibilitando esses indivíduos de ter aquisição linguística e prejudicando seu desenvolvimento cognitivo (QUADROS, 2005).

Goffman (1988) destaca que, por meio das interações, os indivíduos criam estigmas e/ou prestígios sociais a partir de marcas corporais. Este autor menciona três tipos de estigmas: o primeiro relacionado com as “abominações do corpo”; o segundo com base na “culpa de caráter individual”; e o terceiro, relacionado à “etnia, nação e religião”. O processo de estigmatização se dá por meio da noção construída sobre o próprio estigma e expresso nas interações face a face, envolve a relação entre “sujeito desacreditado” e “sujeito desacreditável” (GOFFMAN, 1988, p. 57). Primeiro o indivíduo carrega uma marca que o diferencia (em nosso caso, não ouvir), depois o indivíduo percebe que ele não é comum no meio, desacreditando de si.

Tanto o estigma quanto o prestígio são construídos socialmente, podendo ocorrer variações em como se percebe uma marca estigmatizadora ou um comportamento prestigiado. Nesse sentido, as ações e práticas sociais estão em constante negociação e mudança. Em relação a percepção do corpo surdo, essas mudanças podem estar relacionadas com a conquista de direitos sociais e reconhecimentos linguísticos, legalmente amparados. Junto a isso, surge a preocupação com a inclusão de uma minoria étnico-linguística (SILVA ASSIS, 2012). Essa preocupação, aliada a políticas públicas, que buscam incluir surdos e surdas excluídas de participar das esferas sociais na contemporaneidade. Um exemplo brasileiro foi quando, em 24 de abril de 2002, o Congresso Nacional sancionou a Lei nº. 10. 436, popularmente conhecida como a “Lei da LIBRAS”. Esta reconhecia que a

Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos,

oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA: 181^O. da Independência e 114^O da República, 2002).

Esta Lei demarcou mudanças significativas no modo como as pessoas passaram a perceber o Corpo Surdo e a Língua de Sinais. A partir dela, surgem outros desdobramentos, como é o caso do Decreto de Lei nº. 5.626/2005, que torna obrigatório o ensino da LIBRAS nos cursos de licenciaturas em todas as universidades públicas e privadas do país, e da Lei 12.319/2010, que regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete a Língua Brasileira de Sinais, os TILS.

2.1. Como analisar os esquemas de relevância no agenciamento da língua de sinais?

Tendo em vista o contexto legal que passou a dar suporte ao uso da LIBRAS nas esferas sociais, pesquisadores das áreas da antropologia, educação, linguística, sociologia e psicologia têm realizado estudos que passaram a servir como referência para embasar discussões e reflexões. Com base nisso, esboçaram-se questões acerca da cultura surda a partir da língua de sinais e sua peculiaridade gramatical. Apresentaremos, a seguir, os fundamentos que permitiram construir um aporte teórico-metodológico para analisar a Língua de Sinais no momento em que ela é mobilizada pelos agentes, com base em uma determinada situação social e o papel desempenhado por cada indivíduo durante a interação.

Sob influência do chamado “círculo de Bakhtin”⁴, linguistas pós-estruturalistas revisaram os aspectos metodológicos, passando a articular “forma” e “sentido” nas intersubjetividades. Bakhtin, assim como outros autores, parte da ideia de que a língua não é apenas “um sistema de códigos combinatórios, mas sua relação com a linguagem adotada na intersubjetividade” (TEIXEIRA, 2005, p.87). Ele busca entender o uso da língua pelos indivíduos considerando que

⁴ O chamado “círculo de Bakhtin” (1895-1975). refere-se a uma corrente teórica iniciada por alguns linguistas, numa espécie de “linguística da enunciação” que articula forma e sentido e contempla a questão da intersubjetividade no âmbito dos estudos sobre a linguagem (IN: TEIXEIRA, 2005: 87-93)

o ato de se comunicar estaria amarrado às condições da própria comunicação, ou seja, ligado, de algum modo, aos esquemas de orientações coletivas (culturais) e à situação em que ocorrem.

Ainda que o abstrato e o concreto sejam considerados por Bakhtin como dimensões diferentes, ele não negligencia a relação de ambos, considerando um movimento de refundação constante. Para ele, deve-se estudar o “enunciado”⁵ levando em consideração que “o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto” (BAKHTIN, [1925], 2001, p. 94). Sendo assim, este autor aponta que, quando falamos (ou sinalizamos), não emitimos apenas “palavras” (ou sinais), mas sim verdades e/ou mentiras, coisas boas e/ou más, insultos e/ou elogios, importantes e/ou triviais, agradáveis e/ou desagradáveis (BAKHTIN, [1925], 2001). A língua estaria em movimento e em constante transformação, sendo assim, sua ocorrência acontece de modo diferente do seu modelo teórico (presente na memória individual e coletiva das pessoas).

Partindo dessas reflexões filosóficas sobre a língua e a linguagem, buscamos acrescentar uma sistemática científica embasada em métodos para observação direta dos fenômenos relativos à comunicação humana. Para tanto, aproximamo-nos da Antropologia Linguística de Alessandro Duranti (1950) a fim de compreender como a língua é agenciada pelas pessoas.

Duranti (2001) parte do conceito de *Agency*, elaborado por Anthony Giddens (1984), que considera possibilidades individuais de atuação sobre o coletivo e suas sugestões estruturais. Com base nessa concepção, Duranti formula o conceito de “*agency in language*” considerando que, no momento da interação e comunicação, sempre ocorre “agência” da/na língua em um movimento bidimensional: sua realização linguística (*performance*) e sua representação linguística (a sintaxe da língua). Portanto, na *Agency in language*

(i) that have some degree of control over their own behavior, (ii) whose actions in the world affect other entities’ (and sometimes their own), and (iii) whose actions are the object of evaluation (e.g. in terms of their responsibility for a given outcome. (DURANTI, 2001, p.451-453)

Este autor propõe averiguar o uso da língua e os aspectos culturais que a envolvem através de análises que considerem o fluxo intersubjetivo dos agentes, envolvidos no momento da interação e comunicação. Ou seja, quando as pessoas interagem, elas modificam a língua e o seu conteúdo de acordo com o receptor e o ambiente social em que os “enunciados” são

⁵[...] “na visão de Bakhtin, no enunciado, as palavras adquirem uma expressividade que deixa de ser típica e torna-se individualizada, em função do contexto individual, irreprodutível do enunciado”(TEIXERIA, 2005, p.95).

produzidos. Alessandro Duranti aponta que, por meio do “agenciamento linguístico” (p. 452), a língua sofre modificações internas (na sua estrutura gramatical) e externas (adequando sua performance ao receptor e ao contexto).

2.2. Como analisar os esquemas de relevância no agenciamento do corpo surdo?

Em 1980, foi dada, pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no *International Classification of Impairment, Disability and Handicap*, a definição para o conceito de “deficiente auditivo”: classificado como uma patologia do corpo que prescreve tratamentos para correção do desvio, adequando-o ao corpo “saudável” (aquele que possui audição). Contrária a esta interpretação, Débora Diniz, na conferência ministrada no VII Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, em julho de 2003, na Universidade de Brasília (UNB), apresenta sua crítica sobre “o modelo social da deficiência”, instituída por uma visão de mundo dominante. Na ocasião, Diniz apresenta duas principais contribuições da crítica feminista para os estudos da deficiência: (i) que as desigualdades e opressões devem ser combatidas e (ii) a sugestão de um modelo analítico que separa deficiência de lesão (DINIZ, 2003).

Nessa perspectiva, não é a ausência auditiva que limita o corpo-sujeito, mas sim as construções sociais em torno dele. A “crítica feminista” ajudou a resignificar a “causalidade da deficiência: para o modelo social a causa da deficiência está na estrutura social e, para o modelo médico, no indivíduo” (DINIZ, 2003, p. 2). Portanto, a deficiência seria construída socialmente, pois o que limitaria os indivíduos seriam as barreiras físicas e simbólicas criadas e impostas a eles.

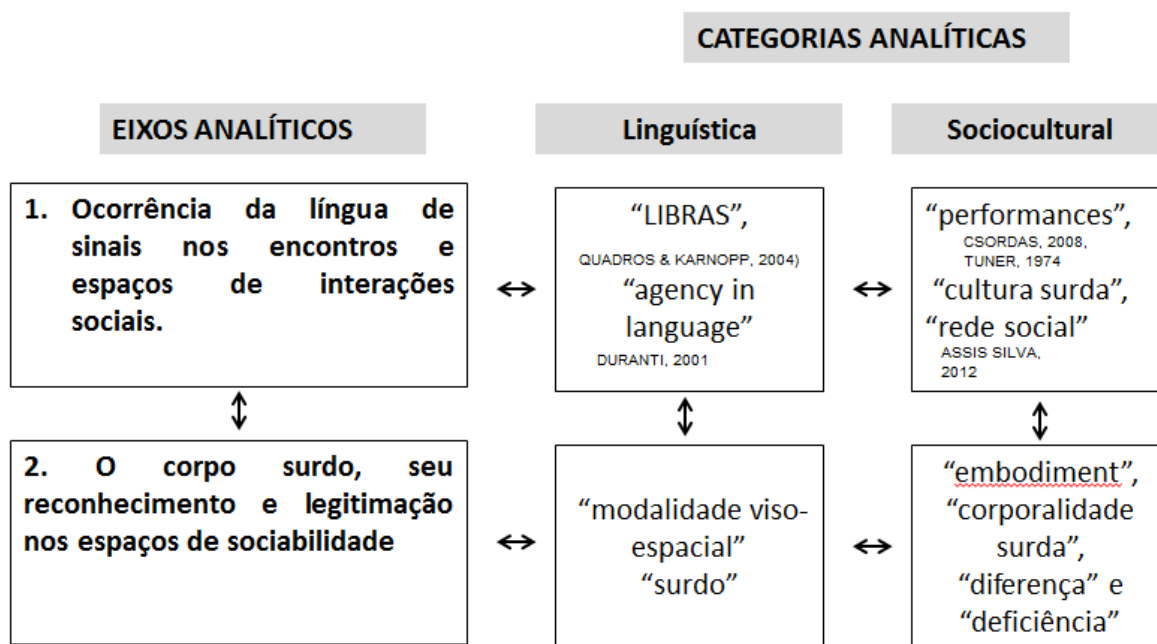
Nesse sentido, as formas de ser e estar no mundo apresentadas pelas corporalidades são significadas através de formas diferentes de sentir e dar expressão ao pensamento através das experiências corpóreas. Thomaz Csordas (1952) nos ajudou a refletir sobre o agente surdo como sendo seu próprio corpo⁶, detentor de uma cultura própria, vivenciada, experimentada e significada ao longo de suas experiências de mundo. Ele formula o conceito de “*embodiment*” (corporalidade) como mecanismo metodológico para pensar o campo simbólico e performático das experiências corporais, para além das representações e dos discursos – sendo o corpo “solo existencial do sujeito e da cultura” (CSORDAS, 2008, p.13).

⁶Quando utilizamos o termo corpo, fazemos referência ao corpo fenomenológico que discute a existência humana a partir da co-existência da mente e do corpo, rompendo com a dualidade da filosofia cartesiana.

A “Corporalidade” (*embodiment*) dos sujeitos culturais seriam definida não apenas em “termos simbólicos, esquemas, traços, regras, costumes, textos ou comunicação, mas igualmente, em termos de sentido, movimento, intersubjetividade, paixão, desejo, hábito, evocação e intuição” (idem, 2008, p.19). Csordas sustenta uma base conceitual com vista ao entendimento da corporalidade como recurso metodológico para analisar a cultura e o sujeito.

Os referenciais teóricos apresentados ao longo deste capítulo permitiram abstrair uma possível relação teórico-metodológica entre Duranti e Csordas. De um lado, a compreensão da língua como passível de agência no momento em que as pessoas se encontram e, do outro, o entendimento acerca da construção simbólica a partir dos mecanismos multissensoriais do corpo. Tal arranjo serviu de base para a compreensão objetiva da relação dos agentes surdos e ouvintes usuários da LIBRAS no interior da rede social e dos espaços religiosos.

Por fim, traçamos um modelo teórico com base nos autores supracitados e nas categorias nativas observadas. Tais categorias foram relacionadas com dois eixos analíticos, formulados a partir dos objetivos desta pesquisa etnográfica:



QUADRO 1: Eixos de análise e categorias analítica – corpo e língua surda.

A partir dos eixos analíticos (1) *ocorrência da língua de sinais nos encontros e espaços de interações sociais* e (2) *o corpo surdo, seu reconhecimento e legitimação nos espaços de sociabilidade*, foi possível observar a interrelação das categorias sugeridas pelo próprio campo.

O quadro teórico acima apresentado foi utilizado para identificar e analisar os “quadros

semióticos” na existência cotidiana dos agentes surdos e ouvintes, partindo da particularidade do comportamento expresso pelas motivações individuais até chegar na totalidade expressa por referenciais coletivos. Desse modo, observar a interação simultânea do indivíduo com o grupo social, a partir da tríade “indissolivelmente misturada” dos elementos “bio-psico-sociológicos” presentes na noção de “pessoa” e na noção do “eu” (MAUSS 2003, p. 22).

Capítulo : Procedimentos Metodológicos

Tendo em vista atender aos objetivos e testar nossas hipóteses de pesquisa, foram delineados alguns pressupostos teórico-metodológicos que serviram como suporte para o desenvolvimento do trabalho de campo. A partir do grupo de estudos “Antropologia Linguística: experiências corporais” e demais revisões bibliográficas mobilizadas antes e durante a realização do trabalho, foi possível treinar o “olhar, ouvir e escrever etnográfico” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p.17).

Logo, os pesquisadores envolvidos, desde o momento da escrita do projeto de pesquisa até sua submissão ao edital de financiamento, foram estimulados a se prepararem teórica e metodologicamente para a entrada em campo. Isso envolveu uma mudança de postura e adequação ao campo investigado: aprendemos a língua nativa (LIBRAS) e (re)significamos o próprio senso enquanto sujeito ouvinte. Tais estratégias auxiliaram na familiarização do corpo surdo, percebido enquanto exótico aos olhos dos ouvintes. Este movimento possibilitou um estranhamento de nossa própria condição, pautada na fala e na audição. Assim, transformamos o exótico em familiar e o familiar em exótico (VELHO, 2003).

Buscaremos, neste capítulo, elucidar os procedimentos metodológicos e técnicos mobilizados para verificar como acontece o agenciamento da corporalidade surda e da LIBRAS em dois espaços religiosos. Nesse sentido, o desenho de pesquisa foi pensado levando em consideração nosso problema de pesquisa e a particularidade do contexto em que os dados foram gerados. Assim, adotamos os fundamentos epistemológicos de métodos e técnicas presentes na Pesquisa Qualitativa por estar “sempre aberta à discussão, à possibilidade de agregar novos elementos advindos da comunidade científica” e dos próprios agentes investigados (VÍCTORA et al, 2000, p. 24). Nessa perspectiva, optamos pela abordagem etnográfica por possibilitar flexibilidades metodológicas e técnicas para analisar a complexidade do campo.

Os procedimentos metodológicos aqui explicitados visaram atender às especificidades do contexto de investigação em eventos e interações sociais e, ao mesmo tempo, construir uma proposta teórico-metodológica que melhor atendesse nosso problema de pesquisa. Escolhemos uma perspectiva científica amparada nos pressupostos do Método Etnográfico e suas técnicas. Isso porque esse método permite um maior entrecruzamento de dados coletados por diferentes técnicas (ANGROSINO, 2009) - foram realizadas Entrevistas Semidiretivas e Aprofundadas com ouvintes e surdos, observação participante e escrita no diário de campo.

Averiguaram-se os aspectos corporais e linguísticos relativos à experiência e visão de mundo pela ótica dos agentes investigados. Desse modo, a inserção nas interações e compartilhamento dos esquemas de significações foram atributos importantes para interpretarmos as práticas individuais e seus esquemas de relevância coletivos – traçando um elo entre a história biográfica de cada sujeito e o contexto social em que se inserem.

3.1. Contextualização do campo

Apresentaremos, neste subtópico, o contexto em que foi realizado o trabalho de campo. Ainda, explicitaremos sobre o universo em que os dados foram evidenciados a fim de que possamos interpretá-los de modo coerente às situações e espaços em que eles foram produzidos.

A realização do estudo em Viçosa não se justifica apenas pelo recorte etnográfico em si, mas também, pelo cenário geral que configura as características socioculturais presentes no município. Tal cenário relaciona-se diretamente com nosso problema de pesquisa: a presença marcante de espaços religiosos nas relações sociais. É possível perceber, a partir da vivência no cotidiano dos moradores, que a religião ainda é um importante elemento cultural presente nos enunciados e na sociabilidade das pessoas inseridas em grupos sociais específicos.

Viçosa está localizada na Zona da Mata Mineira. Limita-se, ao norte, com os municípios de Teixeiras e Guaraciaba; ao sul, com os municípios de Paula Cândido e Coimbra; ao leste, limita-se com as cidades de Cajuri e São Miguel do Anta; e, ao oeste, com o município de Porto Firme.

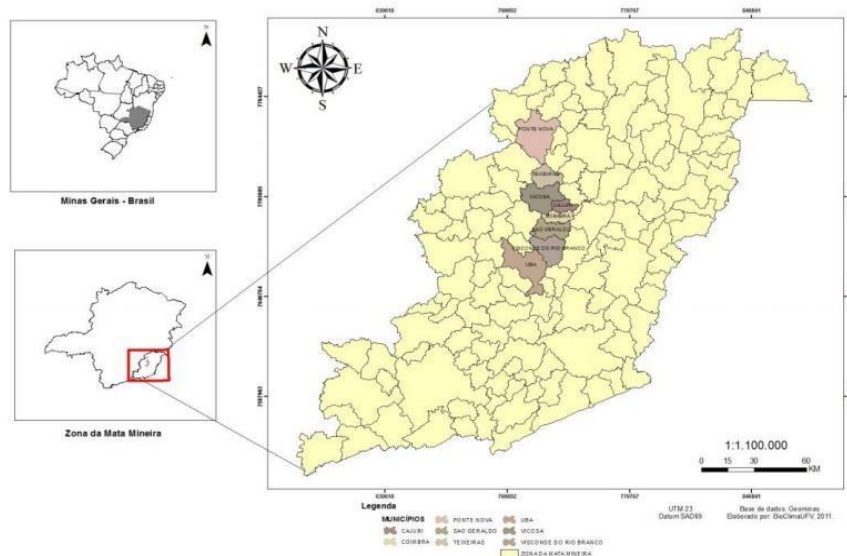


Imagem1: Mapa retratando a região onde está Viçosa, denominada Zona da Mata Mineira.

Alguns historiadores apontam que o povoamento formado nesta localidade se deu no início do século XVIII, através de famílias oriundas das zonas auríferas de Ouro Preto, Mariana e Piranga. Essas famílias se fixaram às margens do rio Turvo, “abrindo as primeiras sesmarias que conformavam as propriedades rurais que deram origem a um pequeno núcleo populacional, o qual seria berço da atual cidade de Viçosa” (PANIAGO, 1990, p. 80).

Em 8 de março de 1800, o Padre Francisco José da Silva (morador da localidade) conseguiu autorização do quinto bispo de Mariana, D. Frei Cipriano de São José, uma licença para erguer um altar sob invocação de Santa Rita. Algumas décadas depois, o povoado foi crescendo em torno do rio que cortava a localidade e, em 1832, recebe o nome de Santa Rita do Turvo. Em 1911, outra mudança ocorre, passando a ser chamado de Viçosa de Santa Rita. No mesmo ano, é retirado “Santa Rita” do nome (PANIAGO, 1990). Entretanto, o nome da santa, padroeira do município, passa a ser homenageado com a denominação de uma importante avenida da cidade (via arterial).

Após a segunda década do século XX, significativas mudanças sociais continuaram (re)configurando as relações e estruturas sociais que marcam as características desse município nos dias de hoje. Dois fatores de mudança podem ser destacados no século passado: o primeiro

refere-se à influência do líder político viçosense Arthur da Silva Bernardes (1875-1955)² e, o segundo, a criação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (1926), hoje Universidade Federal de Viçosa – UFV.

A criação desta instituição produziu transformações significativas na cidade e na zona rural, desde o aumento populacional, mudanças no sistema econômico e comercial local, além de um acentuado crescimento dos “negócios” imobiliários. Este último passa a ser uma das principais características econômicas do município na atualidade. Tais transformações podem ser observadas com o significativo aumento de moradias verticais (prédios), concentradas no centro, nas proximidades da UFV. Segundo censo do IBGE de 2015, a população estimada de Viçosa é de 77.863 habitantes, incluídos os mais de 20.000 flutuantes (aqueles que vêm de outros lugares para morar e estudar). Conta uma densidade demográfica de 241,20 hab/km².

Apesar da forte presença do catolicismo na formação do município de Viçosa, nos últimos vinte anos, houve um aumento considerável no número de igrejas protestantes. No Brasil, as “congregações batistas vinculadas à Convenção Batista Brasileira [introduzida aqui no século XIX] destacam-se [... na] prática de evangelização de surdos enquanto grupo étnico-linguístico conformado pela atuação de missionários” (ASSIS SILVA, 2012, p. 102).

Os espaços batistas ganharam relevância na difusão da LIBRAS, através de cursos de formação de intérpretes organizados pelo pastor Marco Antonio Arriens. Segundo César A. Assis Silva (2012;2014), a igreja Batista tornou-se uma importante agência disseminadora da perspectiva cultural e linguística atribuída aos surdos no Brasil. Fomos informados pelos agentes do campo de que o pastor Marco, em um primeiro momento, foi responsável por inserir a LIBRAS no contexto local. Ele veio a Viçosa em 1999 para ministrar o curso de formação de intérpretes na Igreja Batista Primeira.

3.2. A etnografia

A pesquisa e escrita etnográfica garante um registro histórico de quadros de existências, capazes de expandir os horizontes interpretativos dos significados envolvidos no momento em que os agentes sociais interagem (MINAYO, 2012). Desse modo, para refletir acerca das formas

² Artur da Silva Bernardes foi um advogado e político brasileiro, presidente de Minas Gerais de 1918 a 1922 e presidente do Brasil entre 15 de novembro de 1922 e 15 de novembro de 1926. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Artur_Bernardes. Acessado 20/10/16.

de ser e de estar no mundo através do corpo surdo, é necessário que o cientista social mergulhe em seu cotidiano, buscando compartilhar dos espaços, percepções, sentimentos e vivenciar situações cotidianas junto ao grupo investigado. É nesse sentido que se delineou a realização do trabalho de campo: com base nas interações face a face junto às pessoas surdas e ouvintes usuários da LIBRAS, observações participantes nos cultos das igrejas, entrevistas semidiréticas, encontros com os agentes da rede mapeada em eventos acadêmicos, encontros casuais nas avenidas e ruas do centro e no campus da UFV.

A Etnografia é um método de pesquisa cunhado pela Antropologia. Consiste, na descrição de um grupo, suas instituições, comportamentos interpessoais, produções materiais/simbólicas e crenças. O método etnográfico possibilita ao pesquisador a compreensão dos fenômenos particulares a partir do empreendimento na totalidade de seu contexto. Assim, através de “quadros semióticos” de existência, busca-se a particularidade do comportamento e das motivações individuais até a totalidade expressa a partir de referenciais coletivos (ANGROSINO, 2009). A Etnografia permite o pesquisador se colocar em interação simultânea durante o desenvolvimento do trabalho de campo. O coloca diante do indivíduo e sua relação com o grupo social, formando um “total social”, contendo a tríade “indissolúvelmente misturada” dos elementos “bio- psico-sociológicos”, presentes na noção de “pessoa” e na noção do “eu” (MAUSS 2003, p. 22).

Portanto, como sugere Eunice Durham (1978), para compreender determinada realidade investigada, é preciso descobrir que “a chave de todo o processo de investigação reside na descoberta do significado das ações” (p. 59). Só a partir daí, podemos alçar voo em direção ao entendimento da trama que envolve a ação individual no coletivo e a ação coletiva no individual. Ou seja, pensando etnograficamente, é necessário ouvir o que as pessoas têm a dizer sobre elas mesmas e sobre seu próprio contexto de existência.

3.3. As técnicas utilizadas na coleta de evidências.

Cabe ressaltar que o método etnográfico é adequado ao nosso problema de pesquisa, bem como também, possibilita a utilização de diferentes técnicas para coletar as evidências ao longo da realização do trabalho de campo: por exemplo, *entrevistas qualitativas semidiréticas e aprofundadas* e *observação participante*. Assim, o Método Etnográfico, em sua essência, possibilitar a “triangulação” de dados por meio do entrecruzamento de técnicas e métodos

diferentes (ANGROSINO, 2009, p. 13).

3.3.1 As Entrevistas Qualitativas Semidiretivas e Aprofundadas

As entrevistas qualitativas foram articuladas como técnicas para o desenvolvimento da pesquisa. Desse modo, fomos a campo, munidos de blocos de anotação, gravador de áudio, filmadora e realizamos os encontros objetivados.








Através de informações fornecidas por uma professora da disciplina de LIBRAS (LET290), vinculada ao Departamento de Letras da UFV, conseguimos contatar alguns intérpretes da Língua de Sinais atuantes no município. Inicialmente, convidamos quatro intérpretes a participar do estudo, informando-lhes quanto ao anonimato e resguardo da sua identidade social, através de um Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento (TCLE)⁴. Sendo assim, para resguardar a integridade física e moral dos participantes da pesquisa, optamos por substituir os nomes dos agentes em português pela configuração de mão (CM) referente ao seu sinal-próprio em Língua de Sinais.

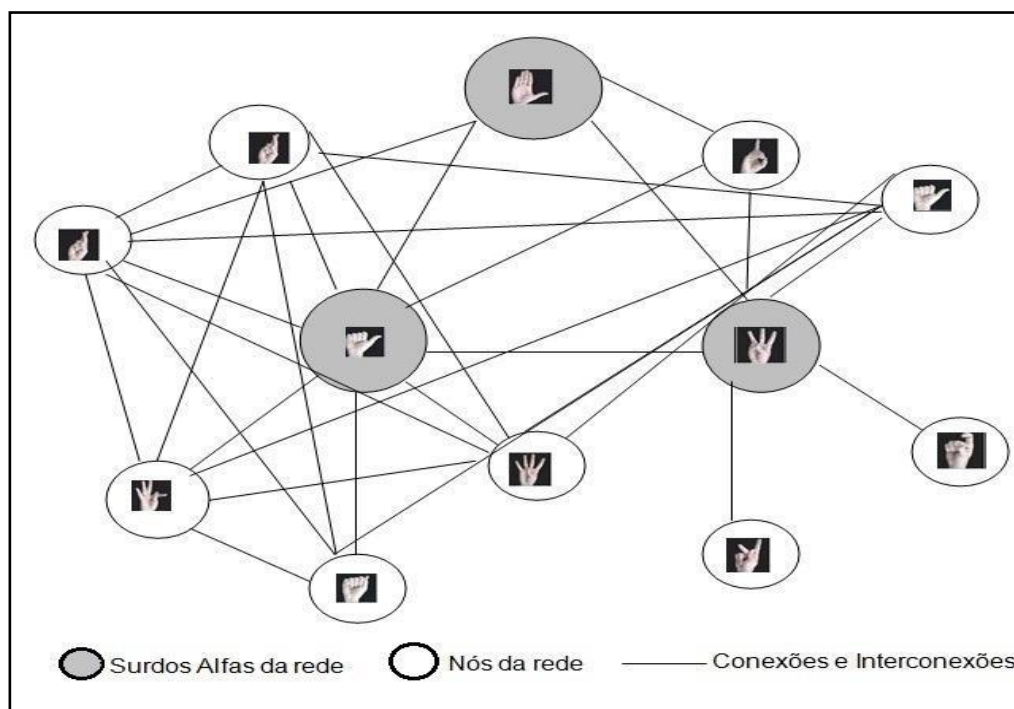
Inicialmente, encontramos-nos com os Tradutores e Intérpretes da Língua de Sinais (TILS) que indicaram nomes/sinais-próprios de surdos e onde podíamos encontrá-los. A partir daí, identificamos alguns surdos de Viçosa que utilizam a Língua de Sinais como principal meio de comunicação. Feito isso, entrecruzamos a frequência com que os agentes eram mencionados. Com base nos dados fornecidos pelos intérpretes, foi possível mapear uma rede social constituída por surdos e ouvintes usuários da LIBRAS. Dentre os surdos, três foram apontados como surdos-líderes – por terem sido citados com certa frequência pelos intérpretes e, também, por agregarem maior números de interconexões no interior da rede (BARNES, 1987).

Foram elaborados roteiros que orientariam as entrevistas, contendo perguntas comuns e específicas. Para os ouvintes, foram elaborados dois roteiros: o primeiro contendo questões como: “onde e como ocorreu o contato com a LIBRAS?”, “quais são os surdos que você conhece?” e “onde encontra os surdos?”; o segundo roteiro, mais específico, elaborado com base nos discursos enunciados durante o primeiro encontro: “você conhece algum ministério com surdos?”, “o que você sabe sobre?”, “o que você acha do trabalho com LIBRAS na igreja?” e “em que espaço de Viçosa você usa a LIBRAS?”.

⁴ Documento exigido como critério para registro e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFV.

Após os encontros, elaborou-se com os nomes mencionados por cada intérprete um anagrama, produzido com base nos estudos de *redes sociais e processos políticos* de J. A. Barnes (1987). Para este autor, o estudo de rede torna-se relevante para abstrairmos com maior clareza o estudo de sociedades denominadas complexas. Esse modelo de estudo ajuda o pesquisador a construir esquemas teóricos que auxiliam na decodificação de processos, relações interpessoais, trocas simbólicas e materiais, bem como mapear pessoas e espaços de sociabilidade.

Analisando os discursos dos intérpretes e relacionando-os, foi possível observar a frequência com que determinados surdos eram citados em situações de encontros sociais significados pelos indivíduos que compunham a rede. Identificamos que, entre os surdos mencionados, três se destacaram como usuários da LIBRAS, por trabalharem ensinando a língua de sinais, militarem por direitos e atuarem ativamente nos espaços religiosos. Estes sujeitos apresentavam maior interconexões com os nós da rede, passando a ser denominados com surdos-líderes (ou alpha). Nas entrevistas com ouvintes-interpretres , ,  e , foi possível identificar que os surdos ,  e  eram fluentes da LIBRAS e militavam nos espaços sociais



QUADRO 2: Anagrama representando a rede comunicativa surda em Viçosa: base para as relações sociais entre surdos e ouvintes, interligando as pessoas e os instrumentos que conformam a cidade na vivência cotidiana das pessoas – produzido com base nos estudos de Barnes, 1987.

Identificados os surdos-líderes, o próximo passo foi convidá-los a participar das entrevistas semidiretivas e aprofundadas. Elaboramos dois roteiros em língua de sinais: o primeiro contendo questões como “quando e onde foi seu primeiro contato com LIBRAS?” e “quais são os surdos

que conhece?"; no segundo roteiro, aprofundamos algumas informações a partir dos enunciados explicitados durante o primeiro encontro, como por exemplo “você conhece algum ministério⁵ com surdos?”, “o que você sabe sobre ele?” e “qual sua opinião sobre a LIBRAS na igreja?”.

Após realizada essa primeira fase do trabalho de campo, pudemos compreender mais de perto as características do campo pesquisado, bem como também, realizar um mapeamento dos agentes sociais, dos espaços de sociabilidade e das redes de interação social às quais eles pertenciam. Com isso, iniciamos a segunda fase da pesquisa, a saber: a inserção direta através da observação participante nos espaços religiosos frequentados pelos surdos *alphas*. Passamos a frequentar os cultos da Igreja Batista e da Igreja Presbiteriana.

3.3.2. A Observação Participante

A observação participante, somada ao alicerce teórico da Antropologia, é uma técnica de pesquisa fundada no próprio método Etnográfico. Foi Bronislaw Malinowski (1910) quem ajudou a difundir este método e suas técnicas. Ele elaborou, ao longo de quase cinco anos, um extenso trabalho de campo, viajando para Nova Guiné e vivendo durante um período de tempo entre os Trobriandeses. Assim, realizou uma observação sistematizada e objetivada do comportamento e sentidos atribuídos às ações dos indivíduos, tornando-se aliado no processo de elucidação dos esquemas simbólicos presentes no modo como cada pessoa pensa sobre si, sobre o que fazem em grupo, sobre o que de fato eles fazem e quais os sentidos atribuídos às relações intersubjetivas.

Na observação participante o pesquisador fica frente a frente com os pesquisados, interagindo com eles e participando de suas atividades diárias, além de considerar a visão de mundo dos agentes investigados dentro de seu contexto cultural. A inserção na rotina das pessoas coloca o pesquisador atento ao que é dito e ao que não é dito. Essa técnica permite que o pesquisador partilhe das experiências individuais dos membros de um determinado grupo. Nesse sentido, a análise de “rituais” ajuda a analisar eventos etnográficos e, é a partir desse ponto, que se estabelece uma compreensão sobre os fenômenos sociais envolvendo o problema pesquisado (PEIRANO, 2002).

Voltamos a campo para realizar a segunda etapa da pesquisa (consideramos a primeira, nossa inserção no campo através das entrevistas), após o mapeamento da rede social envolvendo

⁵ O ministério com surdos acontece na igreja Batista e tem por objetivo levar a palavra de Deus até o povo surdo através de sua própria língua.

surdos e ouvintes mobilizados entorno da LIBRAS durante o momento do encontro social em dois espaços religiosos protestantes. Depois de identificados os surdos-líderes e a participação de dois deles nos cultos da Igreja Batista e Presbiteriana, iniciamos as observações participantes. Para analisar a variação linguística da LIBRAS e o agenciamento⁶ do corpo surdo frequentamos estes espaços e os cultos e escrevemos tais vivência em diário de campo.



Passamos a frequentar as igrejas e interagir com os fiéis durante o encontro proporcionado pelos cultos. Sendo assim, visitamos os espaços religiosos durante oito meses. Buscávamos analisar, junto à experiência dos surdos-líderes, o uso da língua de sinais e as concepções acerca do corpo surdo e sua relação com os ouvintes. Após as visitas, em um momento reservado e “longe” do campo, os pesquisadores exercitaram um escrita íntima, narrando, em seus diários, as impressões e fatos presenciados durante o ritual sagrado que faz parte da vida cotidiana dos agentes surdos.



O diário de campo serviu como instrumento que possibilitou descrever a impressões, as informações e experiências vivenciadas ao longo do trabalho de campo. Além disso, esse instrumento funcionou como um importante aporte teórico e reflexivo sobre as observações diretas dos dados etnográficos. No diário, registraram-se as situações de encontro social e a percepção do pesquisador durante sua vivência nesses encontros, o que corroborou a posteriori para as análises. Portanto, o uso do diário, em conjunto com a literatura das ciências sociais, deram suporte para a reconstrução crítica da visão de mundo dos agentes surdos, seu envolvimento na rede de interações nos espaços religiosos, as mudanças ocorridas durante o uso da LIBRAS e as concepções construídas a partir do corpo surdo.



Capítulo : Apresentação e descrição dos dados



Poucos são os espaços sociais que os surdos usufruem para se encontrar e interagir por meio do uso da Língua de Sinais. Os bares, associações, igrejas e clubes específicos para o encontro de pessoas surdas são limitados a poucos lugares, com maior ocorrência em algumas

⁶ No conceito de agency (GIDDENS, 1998) os indivíduos são percebidos enquanto atores sociais que exercem algum tipo de controle e conseguem regular as condutas e atividades. Monitoram dentro dos contextos o próprio contexto da ação. Existe uma parcela de consciência das próprias ações, e logo possibilidade de mudança, no momento que são negociadas intersubjetivamente.

cidades de grande porte. Desse modo, o uso da LIBRAS nos espaços sociais torna-se restrito. Em Viçosa, acompanhamos dois dramas vivenciados por  e , surdos-líderes e principais informantes do campo:









O primeiro drama retrata uma situação em que um dos pesquisadores ajuda  a sacar, no banco, o pagamento realizado pela UFV referente a um trabalho prestado. Por acaso, eles se encontraram na rua, o surdo meio em pânico, explicava não entender como o dinheiro tinha ido parar no banco Itaú, sendo que não tinha mais conta lá. Na cabeça dele, talvez jogar fora o cartão do banco era sinônimo de cancelamento de conta. Ele não tinha o cartão e nem a senha e precisava retirar seu dinheiro do banco. Quando os dois chegam ao banco, o ouvinte media a comunicação e, após conversar com o gerente, dirigem-se até o caixa e, com o CPF em mãos,  pega seu dinheiro, agradece a ajuda e se despedem.


A segunda situação drama vivenciada em campo foi quando, em um evento organizado pela Câmara Municipal de Viçosa para discutir o tema da “inclusão e acessibilidade”, um surdo líder da rede foi excluído linguisticamente da interação. Na ocasião, estávamos presentes e , irritado, sinalizava seu descontentamento e nervosismo por não ter intérprete durante a sessão. Sinalizamos um pouco com ele, refletindo que nosso papel, naquele momento, não era o de intérprete. Ele, consciente de seus direitos, desabafa conosco e diz sentir que seus direitos não foram respeitados.  se levanta e vai embora causando-nos um mal estar, nós que estávamos exatamente representando as questões relativas à inclusão de surdos e o direito a diferença. Nossa sensação, naquele momento, era de desapontamento, pois cinquenta ouvintes haviam excluído diretamente esta pessoa surda do debate político.

Outras situações com essas foram observadas, ocorridas de modos diferentes, na vida diária de surdos e surdas na sociedade viçosense, percebemos que em outras situações a expressão da corporalidade surda e da LIBRAS eram aceitas, como por exemplo, a interpretação Português/LIBRAS ocorrida durante os cultos que contavam com a presença da  e .

Destacaremos, a seguir, um quadro contendo informações sobre os agentes da pesquisa, Principais colaboradores na construção desta etnografia:


NOME	RELAÇÃO COM A LIBRAS
------	----------------------



 38 anos	É intérprete da língua, teve uma irmã surda e começou a aprender a língua de sinais através de curso na igreja Batista que frequentava. Daí em diante, formou-se em Pedagogia e continuou fazendo cursos de LIBRAS e trabalhando em escolas, eventos e Universidade como intérprete.
 26 anos	Estudante e pesquisador. Aprendeu LIBRAS através da disciplina de LIBRAS no curso de licenciatura em Ciências Sociais e de projeto de pesquisa que participara envolvendo a inclusão de surdos na educação formal.
 37 anos	É intérprete da língua, casada com um surdo. Entrou em contato pela primeira vez com a língua de sinais em um curso ministrado pela igreja Batista, ocasião em que conheceu o marido. Atua como intérprete na igreja Presbiteriana e na tradução de sinais bíblicos para educação religiosa de surdos neste espaço religioso.
 36 anos	É intérprete da língua e entrou em contato com a língua também através de um espaço religioso. Trabalha com  em cursos de LIBRAS.
 39 anos	É surdo, aprendeu a LIBRAS com vizinho surdo que estudou no INES. Formado em Pedagogia, ministra cursos, mini-cursos, palestras, ensinando e divulgando a LIBRAS e em projetos na UFV envolvendo a língua. Frequentou a igreja Batista e hoje é membro ativo, junto com sua esposa, no espaço religioso presbiteriano.
 40 anos	É surdo, aprendeu a LIBRAS em cursos, e assistindo vídeos em casa e com seu amigo surdo de infância  . Trabalha em projetos na UFV envolvendo a LIBRAS e metodologias de ensino para surdos. Além disso, é responsável pelo “Ministério com surdos” na Igreja Batista.


 51 anos	É surdo, aprendeu LIBRAS no INES, trabalha como assistente da LIBRAS em projetos vinculados ao DLA/UFV. Já frequentou os espaços Batista e Presbiteriano, mas, por conta de sua vida boemia e seu alcoolismo, deixou de ir à igreja e passou a ser criticado pelos outros surdos, enquanto um “desviante do caminho de Deus”.
--	---

QUADRO 3: Apresentação dos sujeitos da pesquisa e sua relação com a LIBRAS.




Neste quadro, é possível observar o envolvimento dos agentes surdos e intérpretes com a LIBRAS no espaço religioso.



A primeira intérprete com quem entramos em contato foi a . Havíamos agendado com ela, por telefone, uma visita até a sua casa para conversarmos sobre seu envolvimento com a LIBRAS e com os surdos em Viçosa. Foi difícil encontrar sua casa porque a única orientação que se tinha era um endereço anotado à caneta num pedaço de papel. E, como a cidade tem um relevo montanhoso, para chegar até a casa dela, passei por um morro bastante inclinado. Depois de muito caminhar, quando já se estava quase desistindo de procurar, avistei o número 89, o mesmo indicado no papel. O relógio do meu celular marcava dezoito horas e dez minutos, começava a escurecer e as luzes dos postes e casas mudavam a paisagem da cidade.




A casa estava toda fechada, de repente chega uma moto para na frente da casa. Pergunto “você conhece alguma  por aqui?” – ela responde “eu sou a ” [...] rimos e nos apresentamos. Adentramos a casa e sentei numa cadeira almofadada na sala de jantar. Ela me buscou um copo d’água e começamos a conversar. Expliquei o objetivo de minha visita, e sobre a pesquisa (DIÁRIO DE CAMPO, 27.4.2012).








Essa intérprete relata o caso de um jovem surdo de 17 anos que usa aparelho auditivo e consegue se comunicar um pouco através da língua portuguesa, entretanto “ele tem pouca leitura dos sinais”. Segundo , ela ficou muito surpresa com este surdo, por ele não saber absolutamente nada da LIBRAS e muito menos manifestava algum sinal caseiro⁷. Na visão dessa intérprete, pelo fato do surdo não ter aquisição da Língua de Sinais, ele “não tinha identidade surda”. Indagamos sobre o que ela entendia por identidade surda e como esta informação se relacionaria com a corporalidade surda e com a Língua Brasileira de Sinais. Para essa intérprete, e também para alguns surdos com quem conversamos, a identidade surda requerida refere-se à possibilidade e reconhecimento do agenciamento da língua viso-espacial pelo surdo.



⁷Um tipo de comunicação em língua de sinais desenvolvida no âmbito familiar. Os sinais caseiros são combinados pelo núcleo familiar com o objetivo de estabelecer uma comunicação básica com o sujeito surdo.



Outro ponto importante analisado no discurso de  refere-se ao fato de um dos surdos-líderes ter migrado da Igreja Batista para a Presbiteriana. Tal fenômeno acarretou o enfraquecimento e participação dos surdos no “ministério com surdos” da Igreja Batista. Ela conta que devido a  e sua esposa terem saído da Igreja, outros surdos também migraram para a igreja Presbiteriana. Depois que isto aconteceu,  passou a agenciar as ações voltadas para ensinamentos bíblicos através do ministério com surdos e da LIBRAS no espaço batista.

No segundo encontro com  (25.1.2013), percebemos algumas evidências relativas às categorias analisadas: LIBRAS, espaço religioso e corporalidade surda. Neste encontro, ela explicitou mais pistas acerca do envolvimento da LIBRAS com os espaços religiosos protestantes supracitados. Quando perguntada sobre o porquê da inconstância ou da diminuição dos surdos no “ministério com surdos” da igreja Batista, ela respondeu que muitos surdos se afastavam da Igreja por motivos pessoais e/ou questões religiosas. Por exemplo, um dos motivos que podem ter levado  a mudar para a Igreja Presbiteriana foi por divergência religiosa.

 relata que ela entrou em contato com a LIBRAS através da Igreja Batista Primeira em 2003, onde conheceu os surdos-líderes. Este fato reforça nossa hipótese acerca da influência do espaço religioso no reconhecimento da corporalidade surda e da Língua Brasileira de Sinais. Isto porque evidenciamos que as intérpretes  e  entraram em contato com a LIBRAS pela primeira vez na Igreja Batista.

A fim de aprofundar mais nas informações acerca de quem eram os surdos agentes da Língua Brasileira de Sinais no município, entramos em contato com . Ele é ouvinte e era graduando do curso de ciências sociais à época, trabalhou com a LIBRAS em uma escola estadual da cidade, desenvolvendo metodologias para os conteúdos escolares voltadas a atender um surdo matriculado em uma escola do município. Constatamos que  também conhecia os surdos-líderes ,  e . Em uma anotação de diário datada de 05.12.2012, observou-se, na narrativa de , que  não frequentava os espaços religiosos com frequência e era preterido pelos demais surdos agentes da rede. Este surdo já havia frequentado o espaço Batista, mas, devido a seu envolvimento com bebidas alcóolicas e visitas a bares, acabou sendo mal visto pelos demais membros da Igreja.

 nos contou que ele possuía “cultura surda” e era fluente na LIBRAS,  havia estudado no Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, Rio de Janeiro, RJ. Lá entrara em contato

com a Língua de  informou que conheceu  no Departamento de Letras da UFV e contou que:

Ele faz o circuito dos botecos ali em frente ao balaustre e tal. Ele conhece muitos ouvintes, mas ele é meio que deixado de lado por que ele é alcoólatra, ele bebe, ele não consegue se comunicar, e a galera fala que ele ouve, que ele está fingindo, [...] mas ele é surdo, só emite som, e ele faz leitura labial, então ele se comunica néh, de boa, então a galera acha que ele está dando golpe, que ele não é surdo nada ...é discriminado dentro do grupo surdo e do grupo ouvinte, principalmente por causa de seu hábito de consumir bebida alcoólica. (ENTREVISTA, 05.12.2012)

Percebemos, através dessa narrativa, a existência de mitos e preconceitos envolvendo o corpo surdo e a língua de sinais na sociedade (GESSER, 2009; DE SOUZA et al, 2013). É comum ouvirmos, no cotidiano, alguém se referir a alguma pessoa surda como “surdo-mudo” e “mudinho”. Entretanto, os surdos, na grande maioria, não têm nenhum “problema” em seu aparelho fonador. Este mito se construiu ao longo da história da sociedade brasileira, influenciando nos parâmetros que configuram um dos sinais em LIBRAS equivalente à categoria “surdo” em português:

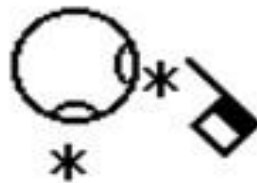















Imagem 2: Características dos parâmetros gramaticais do sinal SURDO: CM – um, L – ouvido, M – deslizar até a boca, OR – para dentro, ENM – não tem.

Muitos surdos têm preferido utilizar outro sinal para fugir do mito da mudez, realizando o sinal com a configuração de mão (CM) em R ou D, tocando apenas o ouvido uma vez.

Aproximando o campo de nossos esquemas teóricos, categorias e eixos analisados, buscamos entrevistar os principais agentes articuladores da LIBRAS no interior da rede social. Com base nas anotações do diário, datadas do dia 15 de dezembro de 2012, foi possível pensar o estreitamento entre as categorias e os eixos analíticos e a relação com os eventos observados. Nesse dia, encontramos com  e , informantes chave para compreensão da corporalidade e língua surda em Viçosa.

Chegamos à casa de . Eu, até o momento, não me havia dado conta de que essa intérprete era casada com . Fiquei surpreso quando, após tocarmos a campainha,  veio abrir o portão para entrarmos, mas como estávamos de bicicleta e não havendo um lugar na rua para deixá-las, ela pediu para que  abrisse a garagem para colocarmos as bike's. Assim que subimos as escadas e adentramos na casa, a filha do casal nos cumprimentou em duas línguas (Português e LIBRAS) e continuou brincando na sala com sua amiguinha.

 é amigo de infância de  e , eles foram os primeiros surdos a aprender LIBRAS e trabalhar com ela no município. Destes,  foi o que teve o aprendizado da língua mais tarde com 19 anos, por ter morado muito tempo na zona rural de Viçosa. Eles contaram que, oficialmente, a difusão da LIBRAS no município iniciou-se a partir de um curso ministrado em 1999, por Marco Antonio Arriens, pastor da Igreja Batista de Curitiba. Seu trabalho estava relacionado com a evangelização através “Ministérios com Surdos” e da Língua Brasileira de Sinais. Segundo , o pastor Marco achou estranho não ver pessoas surdas pelas ruas da cidade e nem a existência de um lugar onde os surdos se encontrassem.

Os agentes entrevistados, contaram que muitos surdos não gostam de usar e nem se interessam em aprender a LIBRAS. Muitas pessoas surdas optam por utilizar aparelho auditivo e/ou fazer uso da leitura labial e, também, treinam vocalizar os sons codificados no Português (língua oral- auditiva). Este fato fornece pistas para a interpretação acerca da constituição das corporalidades surdas, demarcando outra forma de experienciar o mundo através dos estímulos multissensoriais do corpo (CSORDAS, 2008).  classificou três grupos de pessoas surdas moradoras de Viçosa: aqueles que se identificam com a cultura surda e que fazem uso da LIBRAS (os “surdos”), aqueles que foram estimulados a se adaptar à língua oral e não se identificando com a Língua de Sinais (os “Deficientes Auditivos” – D.A's) e aqueles que utilizam apenas sinais caseiros e não sabem nem o Português falado nem a LIBRAS (os “surdos lobos”). Para , alguns desses surdos sabem um pouco da língua de sinais, mas preferem não utilizá-la por “TER PRECONCEITO VERGONHA [...]” (ENTREVISTA, 18.12.2012).





informou ainda que conhecia quatro pessoas que sabiam a LIBRAS, mas que somente duas delas gostavam de ensinar a Língua de Sinais para outras pessoas. Na visão deste surdo, quando uma pessoa deixava de divulgar a língua, era como se “CORTAR MÃO TRANCAR GAVETA” – enunciando uma metáfora em LIBRAS para explicitar sua insatisfação em relação à desvalorização de sua língua e ausência de espaços e falta de pessoas que a utilizavam. Em seguida, ele sinaliza que não foi para a igreja por causa da doutrina religiosa, mas por haver pessoas lá que sabiam LIBRAS e por ser um espaço que pudesse se comunicar através da língua de sinais. sinalizou que, só depois, ele foi seguir a doutrina religiosa e que, hoje, acha importante as pessoas que sabem a LIBRAS, reconhecer o “CHAMAR DEUS” para trabalhar no espaço religioso e ensinar a língua para levar a “PALAVRA DEUS” até os surdos.

Em outra entrevistas, ficou evidente a relação do espaço religioso no agenciamento da LIBRAS por outros agentes da rede. Assim, no dia 12 de abril de 2012, realizamos mais uma entrevista semidiretiva com a intérprete . Ela nos informou que tinha aprendido a LIBRAS na Igreja Batista onde conheceu . Este surdo, na ocasião, trabalhava como coordenador do Ministério com Surdos na Igreja Batista. contou que, em 2010, começou a participar em projetos no Departamento de Letras da UFV. Disse, ainda, que a maioria dos surdos que conheceu foi através do Ministério com Surdos de que ela participava. Essa intérprete conhecia os três surdos-líderes da rede social:









Imagem 3: Fotografia fornecida por um amigo surdo retratando a comemoração de aniversário do Ministério com Surdos “falando com o pai”. Surdo e intérpretes posam para a foto.

Esta imagem retrata a comemoração do 10º aniversário do Ministério com Surdos na Igreja Batista. Esse evento mobiliza, todo ano, surdos, intérpretes e demais participantes. Na concepção religiosa, o Ministério reafirma a missão evangelizadora do “povo surdo” e, ao mesmo tempo, como analisado por Assis Silva (2012), torna-se um lócus de significação e divulgação da LIBRAS e da cultura surda.

Voltamos ao campo no dia 2 de fevereiro de 2013. Encontramos com o casal agentes da Língua Surda. Chegamos à casa deles faltando dez minutos para as três horas da tarde. Tocamos as duas campainhas (sonora e luminosa). Subimos as escadas e adentramos na sala, nos dirigimos à sala de jantar, sentamos junto à mesma mesa e nos mesmos lugares da primeira vez.  estava no quarto,  foi chamá-lo. Alguns minutos depois, eles retornaram. Em seguida, enquanto Belle conversava com , eu tentava sinalizar algumas sentenças com . Havia levado comigo um pen drive com fotografias que havia tirado durante uma oficina que ele ministrara no I Simpósio de Inclusão e Surdez⁹ realizado no *campus* UFV.



Iniciamos uma interação sinalizada e oralizada, interação social mediada por sons, sinais e imagens, numa dimensão cultural que se aproximava e distanciava naquele momento.

Perguntamos para  e  se existia outro local além dos espaços da UFV, Igreja e Escolas, onde os surdos se encontravam para se comunicar em sinais, aprender e praticar a LIBRAS: ambos responderam que não havia outro local e, que mesmo no espaço da igreja, existiam algumas questões, pois muitos surdos não participavam deste espaço por serem de outra religião, ou pelo fato dos pais não aprovarem que seus filhos utilizem a Língua de Sinais. Nesse momento, aparecem mais evidências acerca da tensão envolvendo o choque de corporalidade e língua entre ouvintes e surdos.  concluiu dizendo que  tem uma cultura diferente porque seu pensamento é orientado pelo visual, resultando em uma forma diferente de se comunicar e dar sentido as coisas.

Enquanto  falava sobre a cultura surda, ela ia sinalizando em LIBRAS para que o marido ficasse a par do que ela estava dizendo. E, nesse momento,  a interrompe e começa a

⁹Evento organizado pelas professoras do Departamento de Letras Ana Luisa Borba Gediell e Michele Valadão, realizado na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Tal evento surge da preocupação acerca do tema da inclusão e educação de surdos social.

contar uma experiência que teve em Belo Horizonte. Ele narrou, em LIBRAS, como conseguiu chegar de taxi até o hotel que estava hospedado depois de ter esquecido o endereço. Ele contou que, quando saiu do hotel, tirou uma foto da fachada e, assim que entrou no táxi, sinalizou que era surdo e mostrou a foto para o motorista. Este reconheceu o lugar e o levou de volta para o hotel. Este exemplo explicita uma lógica de orientação e comunicação imagética envolvendo a percepção e significação possibilitada pelo corpo surdo.

É possível dizer, com base nos enunciados dos intérpretes, que a maioria começou a aprender a LIBRAS no contexto religioso:  e  aprenderam a LIBRAS na igreja, tornando-se os primeiros ouvintes a trabalhar como intérprete da língua brasileira de sinais em Viçosa.

Além disso, a partir da inserção no campo pesquisado, identificamos a existência de um conflito envolvendo diferentes mundos, entre experiências corporais ouvintes e experiências corporais surdas. Tal oposição não se limita à concepção binária do corpo, mas extravasa em escalas que se aproximam e/ou se distanciam desses dois polos referentes:

- 2.2.1. ouvinte que reconhece a corporalidade surda e a língua de sinais;
- 2.2.2. ouvinte que acredita ser o surdo doente e, por isso, precisa ouvir e falar para estar curado;
- 2.2.3. surdo que se reconhece como tal e utiliza a Língua de Sinais para se comunicar;
- 2.2.4. surdo que não reconhece a LIBRAS e prefere ser chamado de deficiente auditivo e utiliza a leitura labial e vocalização dos sons da Língua Portuguesa;
- 2.2.5. surdo que não reconhece nem a Língua de Sinais nem o Português falado.


A complexidade envolvendo as diversas formas de ser/estar do corpo surdo e a interpretação sugerida sobre ele, Karin Strobel (2009) narra, em uma passagem, aspectos que elucidam um pouco mais a complexidade presente no paradoxo envolvendo as interpretações acerca da corporalidade surda:



Um papagaio fazia parte da família, eu ficava intrigada e imaginando por que todos falavam mais com o papagaio do que comigo, neste período começaram as dúvidas e mais dúvidas, sem imaginar que eu podia ser diferente, não me lembro se sabia o nome das pessoas, demorei muito tempo para entender que eu, as


peças, as coisas tinham nomes (VILHALVA, 2001, p.12 apud STROBEL, Karin, 2009, p.58)

Como visto acima, o estigma traz informação acerca do indivíduo transmitida pelos outros. Através dessa informação, o indivíduo se posiciona na sociedade. Portanto, durante as interações face a face, se estabelecem relações de demarcação, reafirmação e significação, que expressam símbolos que podem interditar o corpo surdo (GOFFMAN, 1987).


Goffman aponta que os sentidos produzidos sobre uma lesão vão depender da interação e dos contextos em que são vivenciados. Para ele, o indivíduo manipula o estigma na vida cotidiana a partir de três situações modelos: (i) a possibilidade de ser conhecido, (ii) o imediato reconhecimento (o caso dos aparelhos auditivos) e (iii) o estigma é percebido pelos “normais” como algo que desqualifica o indivíduo que o porta. Assim, ocorre na “identidade pessoal do sujeito uma manipulação do estigma” (1988, p.57).

Nesse sentido, quando  menciona que alguns surdos sabem a LIBRAS, mas têm vergonha de usá-la, surge a evidência do estigma envolvendo a corporalidade surda no município. Por isso, se identificar com a Língua de Sinais e com o “ser surdo” pode denunciar seu estigma. Além disso, devido ao seu processo de socialização com base no corpo ouvinte este pode, de fato, algumas vezes, identificar-se com a Língua Portuguesa e com a corporalidade ouvinte.

Ajustando nossa ótica para observar as experiências e significações dadas pelos agentes pesquisados, consideramos as narrativas e vivências etnográficas junto aos surdos-líderes  e . Esses dois agentes nos ajudariam a compreender, a partir dos dois espaços religiosos protestantes analisados, como acontece o agenciamento da corporalidade surda e da LIBRAS na cidade.

A primeira vez que nos encontramos  foi no Departamento de Letras (DLA) da UFV no dia 8 de abril de 2013, às 15h30. O encontro foi agendado e, como ele ia com certa frequência o DLA, preferiu que fizéssemos a entrevista nesse local. Quando lá chegamos, nos dirigimos até a secretaria do departamento, pegamos a câmera filmadora e, em seguida, caminhamos até a sala da nossa professora coordenadora da pesquisa. Enquanto esperávamos nosso convidado, Belle (outra pesquisadora voluntária no trabalho de campo) e eu repassávamos a sinalização das questões presentes no roteiro. Belle confessa, em seu diário, estar “um pouco nervosa, pois nunca havia feito uma entrevista em LIBRAS” e o pouco que sabia tinha aprendido em conversas

informais. Passada meia hora, nosso informante surdo-líder entra na sala. Explicamos o motivo do encontro e pedimos permissão para que filmássemos a entrevista, ele respondeu, autorizando a gravação. Nesse momento, utilizando-se do reflexo da tela do celular, ele ajeita o cabelo e sinaliza que está pronto para começarmos a entrevista.



 inicia sinalizando que aprendeu a LIBRAS fora do espaço religioso, em casa assistindo vídeos, com amigos e participando de alguns cursos após completados seus dezoito anos de idade. Só mais tarde, passou a frequentar a Igreja e tornou-se coordenador do Ministério com Surdos no espaço religioso Batista. Ele narra a dificuldade em encontrar pessoas que sabem a LIBRAS e de quando vai ao correios, supermercado, banco, etc. Muitos dos casos ele tem utilizar a escrita da Língua Portuguesa, mas quando precisa comunicar coisas mais complexas ele não consegue. Ele ainda reclama do preconceito que muitos ouvintes olha para o surdo, pensa que ele é um doente e que não sabe de nada. Este surdo-líder explicita uma situação de exclusão e a limitação dos espaços sociais que ele possa utilizar a Língua de Sinais – sua comunicação natural.

Capítulo : quando e vão à igreja a LIBRAS acontece

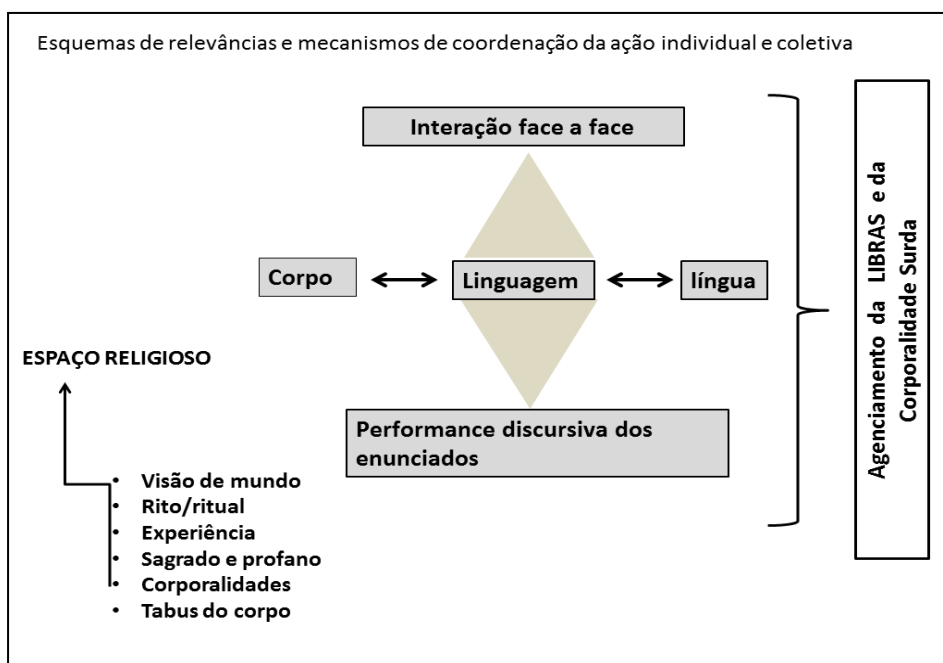
Neste capítulo, traçaremos algumas análises acerca das interações e significações presentes no agenciamento da LIBRAS e da corporalidade surda, circunscritos ao contexto dos cultos (ritual e rito) realizados pela Igreja Batista e pela Igreja Presbiteriana. Desse modo, para compreender as nuances presentes na complexidade que envolve os fenômenos investigados, foi exigido um esforço amparado na compreensão acerca dos códigos linguísticos e dos significados enunciados através do corpo no momento do encontro social.

Após identificação dos agentes e compreensão da atuação de cada um no interior de uma rede social, nos aproximamos de dois surdos e de alguns intérpretes e passamos a conviver com eles nos espaços da cidade. A partir de visitas aos cultos realizados nos espaços religiosos, principalmente durante os rituais e ritos da “pregação da palavra de Deus”, ocorreram às interações face a face (GOFFMAN, 1980; 2009) que possibilitaram analisar a Corporalidade Surda e a LIBRAS.

A partir de 2012, passei a encontrar os surdos nas ruas da cidade, em eventos como o I Simpósio de Inclusão e Surdez e I Encontro dos Surdos em comemoração ao dia do surdo (e mês

setembro azul), no Curso de Extensão em Língua Brasileira de Sinais – CELIB, encontrando-os em cursos e minicursos voltados para a LIBRAS e, também, de modo objetivo, encontrando com  e  nas igrejas. Com base em nosso recorte de pesquisa, objetivamos a participação em alguns dos rituais religiosos que contavam com a presença desses dois surdos. Assim, elaboramos um roteiro de observação anexado aos documentos submetidos à Comissão de Ética e Pesquisa da UFV.

Esboçou-se um modelo teórico pensado sistematicamente para orientação das observações durante a participação das “celebrações” religiosas. Este recurso foi útil para ajustar o foco durante a observação participante, atentando para evidenciar aspectos relacionados com os eixos e categorias analíticas mobilizadas pelo estudo:



QUADRO 4: Anagrama para observação do agenciamento da LIBRAS e da corporalidade surda no espaço religioso.

O esquema acima auxiliou na construção do roteiro para a observação participante nos espaços Batista e Presbiteriano:

- 2.2.6. a sequência das ocorrências dentro do evento;
- 2.2.7. os discursos articulados na hora do “rito da palavra”;
- 2.2.8. a *performance* discursiva do intérprete ao traduzir o conteúdo religioso para a LIBRAS;
- 2.2.9. os códigos e símbolos presentes nas parábolas projetadas para os fiéis via Datashow.

No entrelaçamento da relação corpo-língua-concepção religiosa tanto na performance dos

intérpretes quanto na dos surdos, verificou-se a ocorrência do agenciamento morfológico da LIBRAS, modificando o comportamento performático de alguns sinais – a ser apresentado e analisado mais adiante.

5.1. O “espaço religioso”

Pensar o espaço religioso no sentido concreto e simbólico requer considerar toda a dimensão que envolve os seguintes quesitos: localização, temporalidade, tipo de sociabilidade e relação que tem com o mundo ordinário e extraordinário. O espaço religioso frequentado durante a pesquisa de campo pode ser pensado enquanto um local de sociabilidade historicamente localizado, capaz de indicar a separação entre “tempo sagrado” e “tempo secular” (ELIADE, 1992, p. 39). Mircea Eliade (1992) destaca que a construção simbólica expressada através das experiências do indivíduo com o sagrado é fundida no espaço religioso. Frente a essa definição, mobilizou-se a categoria “espaço religioso” como uma variável correlacionada com a agência da corporalidade surda e da LIBRAS.

Para situar o contexto dos espaços religiosos onde alguns dados foram produzidos, é necessário considerar que a religião tem a capacidade de alinhar as ações humanas a uma ordem cósmica extraordinariamente imaginada. Esta ordem projeta imagens cósmicas no plano das experiências pessoais e coletivas na realidade cotidiana (GEERTZ, 1998). Os símbolos religiosos presentes no “espaço do sagrado” formulam “uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica”; entendidos como “elementos de formulações tangíveis de noções, abstrações da experiência fixada em formas perceptíveis, incorporações concreta de ideias, atitudes, julgamentos, saudações e crenças” (idem. p.67-68).



Nos espaços religiosos das Igrejas Batista e Presbiteriana, a percepção da surdez é (re)significada no contexto da religião, evocando uma missão capaz de levar a palavra de Deus até o povo surdo (ASSIS SILVA, 2012). Esse fato expressa que a corporalidade surda ligada a LIBRAS é reconhecida e autorizada na interação face a face. Notou-se que, sempre quando os surdos-líderes da rede iam ao culto, um ou mais intérprete voluntariamente mediava os enunciados do pastor (falante do português) através da transposição linguística para a LIBRAS.

A Igreja Batista Primeira foi o primeiro espaço a mobilizar e difundir a LIBRAS na cidade de Viçosa. Em 1999, foi realizado neste espaço um curso para intérpretes ministrado por Marco Arriens, pastos da Batista de Curitiba (PR). Este fato evidenciou uma realidade retratada pelas análises de César Augusto de Assis Silva em sua tese (2012). Nela, o antropólogo uspiano

argumenta acerca da existência de uma “história quase canônica” construída por “religiosos, ativistas políticos e intelectuais [que concordavam] precisamente com o argumento de que em razão dos surdos terem uma língua particular, a chamada libras [...] eles teriam outra cultura” (ASSIS, 2012, p. 30).

5.2. A Igreja Batista

As atividades da Igreja Batista em Viçosa iniciaram em 1923, quando José de Souza Martins, abriu o primeiro espaço Batista em sua residência, atualmente localizada à Rua Benjamin Araújo. Em 1974, a Igreja passou por uma reorganização com a chegada do Pastor Senésio Vilaça, que ajuda a construir um templo para as práticas religiosas (PANIAGO, 1990). O espaço Batista (assim como o Presbiteriano), na atualidade, configura-se de modo paradoxal no paisagem urbana: entre as representações do “sagrado” e do “profano”, coexistentes na própria diferenciação simbólica e, muitas vezes, também material (ELIADE, 1992).

O espaço religioso Batista investigado localizava-se em uma rua com muitos bares, sendo que um deles dividia a parede e a calçada com a Igreja. Tal disposição arquitetônica e espacial permitia uma troca de olhares entres aqueles que frequentavam o bar e aqueles que frequentavam a igreja. Um caso curioso que aconteceu comigo foi quando, um dia, estava sentado na calçada do bar com alguns amigos tomando uma cerveja e, de repente  apareceu, sentou ao meu lado e me pediu para lhe pagar uma dose de cachaça. Fiquei ali constrangido por saber que este surdo conhecia outros que frequentavam o espaço religioso, logo ao lado. Em seguida, me tranquilizei por saber que a igreja estava fechada naquele dia.  é visto como desviante pelos demais surdos-líderes da rede. Por isso, minha preocupação inicial foi ser flagrado com ele e ter meu acesso ao espaço religioso comprometido. Esse evento mostra como o pensamento religioso incide nos espaços sociais e, como estes agenciam as formas de ser e estar através das experiências corporais (SCORDAS, 2008).

No dia 10 de junho de 2013, saí de casa por volta das 18h40, desci pela Rua São José. A rua estava calma sem músicas nem som alto. Caminhei pela Santa Rita em direção à Igreja Batista. Cheguei à frente da igreja, de onde avistei as mesinhas do bar logo adiante. Entrei no prédio alugado pela instituição religiosa, um prédio de dois pisos com portas largas de latão que fecham e abrem enroladas por uma catraca. Na porta, estava um homem que aparentava ter uns trinta anos, ele me cumprimentou, pegou na minha mão e disse “seja bem vindo, meu irmão”,

depois perguntou se era minha primeira vez na igreja. Entrei e sentei na penúltima fileira, em um dos três bancos de madeira existentes no salão. Logo que sentei, uma mulher veio falar comigo. Ela me desejou boas vindas e, de modo indireto e com muita simpatia, indagou-me sobre minha presença ali.


Enquanto as pessoas chegavam para o culto, eu observava todo o ambiente. Na frente da sala, havia uma porta na parede esquerda que dava acesso a algum outro espaço do prédio e, também, para a sala do piso superior, utilizada para encontros de jovens e algum outro evento

específico diferente do ritual de celebração. Na frente da sala, existe uma elevação, como se fosse um altar, que se estende de canto a outro das paredes laterais, em cima dele, à direita, há um espaço reservado, cercado por paredes de vidro com um metro e meio de altura e, ao centro, uma bateria (instrumento musical), ao centro do altar, um púlpito de mármore sustentado por dois pés circulares decorados com flores de plástico amarelas; do lado direito, encontra-se um teclado musical. Mais ao fundo do altar, os instrumentos baixo, violão e guitarra são apoiados na parede entre as duas caixas de som afixadas no teto acima do altar.

Enquanto não começava a celebração da noite, uma passagem do capítulo 16:33 de João era projetada na parede ao lado esquerdo do altar. Através de frases, mobilizavam-se alguns conceitos como “glória”, “aflição”, “dor” e “confiança”. Às 19h30, começa o rito da celebração dessa noite de domingo, contando com a presença de mais ou menos umas 130 pessoas (com base em minha contagem por alto conforme as pessoas iam chegando).

Um homem aparentando ter seus 30 e poucos anos, vestido de calça jeans e camisa gola polo listrada, posiciona-se no púlpito, pega o microfone apoiado e deseja boas vindas anunciando o início da celebração. Utilizando o microfone, ele pede para que todos se levantem e inicia uma oração. Através do microfone, o ministrante pede por misericórdia e, em súplicas, agradece pela vida ao “Senhor” (remetendo ao divino), pede para que ele continue “orientando todos ao caminho do bem e da glória”. Observo, neste momento, as pessoas com os olhos fechados, cabeças baixas, uns orando alto e outros em silêncio, alguns mexendo os lábios e outros apenas de olhos fechados. Enquanto isso, os músicos aqueciam os instrumentos, embalando as orações iniciais como se fossem mantras. Ao mesmo tempo, a intérprete, à frente, sinalizava para o surdos que se mantinham com os olhos fixados na mensagem dirigida aos fiéis por meio da oração inicial.

Começaram os cânticos, numa levada animada estilo pop/rock e reggae. Os fiéis batiam palmas ritmadas e cantavam como um coro os cânticos reservados para a celebração da noite. Concomitantemente, na parede iam sendo projetadas as letras dos cantos para que todos

acompanhassem.  sentado na primeira fileira do lado direito observa com atenção a sinalização em LIBRAS, traduzindo os cânticos. Terminada a primeira parte do ritual, observo que o intérprete é substituído, agora uma jovem mulher é quem interpreta. O ministrante que iniciara o culto orienta os fiéis para se prepararem para o momento da “palavra do Senhor” e chama à frente o pastor.


O pastor convida as crianças presentes ao culto para irem até a frente do altar para serem abençoadas com uma oração. Todos ainda em pé iniciam a oração com os olhos fechados, cabeças baixas e estimulados pelas palavras do pastor, repetem algumas frases. Percebo que o surdo-líder segue de olhos abertos e observando a sinalização da intérprete. Nesse momento, evidencia-se uma diferença no agenciamento do corpo surdo e ouvinte frente ao transe da oração: a corporalidade surda manifesta-se mais uma vez, em consonância com a modalidade visoespacial da LIBRAS. Além disso, os ouvintes não se importam com o fato dos surdos não fecharem os olhos durante as orações. Ao final do culto, o pastor pede para que os fiéis apertem “a mão do irmão” que está ao seu lado, em seguida, inicia uma oração de encerramento, pedindo bênção para todas as pessoas que se encontram na celebração.



A situação acima retratada apresenta uma consonância entre a corporalidade surda e o espaço religioso que, ao tolerar sua existência, ao mesmo tempo, se adapta à particularidade psicossomática do corpo (SCORDAS, 2008) e promove a integração do agente surdo por meio da LIBRAS. Dessa maneira, quando as pessoas surdas estão presentes no momento da interação durante o culto inicia-se a “*agency in language*” (DURANTI, 2001). A partir do momento em que o surdo chega na igreja, os intérpretes se mobilizam para revezar e realizar a interpretação, agenciando a LIBRAS por conta do contexto e influenciando agência nos arranjos e escolhas lexicais no momento em que eles estão sinalizando.



Imagem 4: Retrata a ocorrência da língua de sinais durante o culto religioso. Na ocasião, observamos os fiéis fazendo um sinal emprestado da língua americana de sinais, com significado de “amo você” ou “amor”.

5.3. A Igreja Presbiteriana

Em 1960, instala-se, na cidade, o primeiro grupo de protestantes. No mesmo ano, o Pastor Elben é designado para atuar em Viçosa. Somente em 1982, a Igreja Presbiteriana iniciou seus trabalhos de caráter social, com a instalação da creche Rebusca (PANIAGO, 1990). A primeira visita ao espaço presbiteriano ocorreu em 30 de junho de 2013. Saí de casa depois de muito pensar e me sentir ansioso por ser a primeira vez que estaria naquele lugar, motivado por saber que encontraria  e a ocorrência da LIBRAS. Vesti a capa de etnólogo (DA MATTA, 1987) e busquei incorporar uma visão relativa para observar os eventos o mais sincero e aberto possível.

Havia combinado com minha colega de pesquisa de encontrá-la na frente da Igreja. Cheguei e aguardei uns 10 minutos, mas, na dúvida se ela já tinha ou não entrado, resolvi entrar sozinho. O culto já estava iniciando, entretanto, era possível ver que pessoas ainda estavam chegando. Quando entrei, cumprimentei três homens que estavam à porta, sentei no primeiro banco que encontrei desocupado, localizado mais no fundo do salão. Desconfortado, por jamais ter estado naquele lugar antes, tentei ao máximo interagir e causar o menor estranhamento possível de minha presença. Em seguida, corri o olhar à procura de , após alguns segundos, o avistei sentado na segunda fileira dos bancos da frente, diante dele,  interpretava em pé o discurso do Ministro da celebração.

Estar lá, vivenciar as emoções e absorver os episódios presentes na ação e nos esquemas simbólicos que a orientam foi importante para o desenvolvimento do trabalho de campo (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000; GEERTZ, 1998). Foi necessário vestir a perspectiva do outro para compreender os sentidos por trás das ações coletivas e individuais. Nesse sentido, quando o etnólogo se dispõe a estar entre os nativos, ele assume o exótico como sendo seu familiar, passando, com isso, a estranhar seu próprio familiar (VELHO, 1987). Tal movimento permite alargar a compreensão humana sobre si mesmo.


A princípio, o interior do espaço lembrava os arranjos dispostos na arquitetura das Igrejas Católicas, entretanto, observando mais atentamente, percebi símbolos diferentes, reorganizados e (re)significados neste espaço. Não se vê imagens de santos dispostas ao longo do altar e na paredes do salão. Observa-se, em seu interior, uma cruz ao centro do altar, afixada na parede ao fundo de um púlpito, onde se apoiava a bíblia no momento que o pastor faz a “pregação da

palavra de Deus”. Na cruz, não há Jesus pregado, apenas um círculo que unia as duas pontas à intersecção superior da reta horizontal com a vertical (parecendo um pingente gigante).


Havia também algumas figuras entalhadas em madeira e afixadas na parede ao fundo do altar. Em uma das placas, observei o desenho de um peixe, onde estava escrito IKITUS, cujo significado não identifiquei; a outra placa de madeira continha o desenho de um cálice e uvas; a outra apresentava a imagem de um pão e ramos de trigo. Na frente e à direita, alguns músicos animavam o culto tocando alguns cânticos. Logo que entrei, enquanto fazia essas observações, tocaram e cantaram três cantos, um seguido do outro. Assim que acabou a cantoria, o ministrante, um jovem de uns vinte e poucos anos, fala e reflete com os fiéis algumas passagens bíblicas, relacionando-as com os aspectos da vida cotidiana viçosense.

Nessa atmosfera, as pessoas entram em contato com o extraordinário a partir de suas experiências ordinárias (ELIADE, 1992; GEERTZ, 1998). Elas experimentam o efeito simbólico mediado pela significação presente na comunicação mediada pela língua e, para além dela, a partir dos sentidos psicossomáticos do corpo. Além disso, no momento em que os indivíduos interagem, enunciados linguísticos performatizados são negociados com base nas expectativas sugeridas pelos outros dentro dos limites do contexto. Por exemplo, não se espera que no espaço religioso alguém abra e tome uma cerveja.



Para Thomas Csordas, “a relação da corporalidade, enquanto compreensão experiencial de nossa existência no mundo, e a biologia, enquanto forma de conhecimento objetivado sobre nosso ser corpóreo”, sugere que só somos capazes de “simbolizar ou objetivar nossa experiência” quando expostos ao mundo social e à sustentação do biológico nele (2008, p.24-26).

Durante os cantos (também interpretados para LIBRAS) realizados ao longo da celebração, observei, várias vezes,  balançando seu corpo no ritmo encenado pelos ouvintes. Percebi que, mesmo não ouvindo a música em si, ele podia sentir suas vibrações e perceber o imagético produzido pelos corpos que dançavam no espaço. O corpo surdo sofre agência pelo rito da religião quando este é adequado ao contexto de enunciação que exalta o sagrado e integra a corporalidade surda e ouvinte em torno de motivações sagradas. Quando o surdo balançava seu corpo, em consonância ao ritmo do canto religioso, estava sintetizando uma relação com a expectativa que era desempenhada pelos ouvintes, uma vez que ele não ouvia a letra da música e nem a melodia.

Na dimensão linguística, sua agência junto aos ouvintes ao redor da LIBRAS e das corporalidades envolvidas no momento entra em destaque. Portanto, “there is also a considerable body of literature on the impact that forces external to a language have on its structure (e.g. phonology) and its meaning [...] analytically distinct dimensions of agency: its linguistic realization (performance) and its linguistic representation (grammatical encoding)” (DURANTI, 2001, p. 451-453).

Em outro momento do culto, aconteceu o rito central. As crianças são retiradas a pedido do pastor. Em seguida, seguem para as salas de estudos, localizadas abaixo do salão principal onde recebem educação religiosa. Nesta segunda parte do evento,  (intérprete) se retira com sua filha pequena e, nesse momento, outra intérprete assume o posto reservado à interpretação e segue sinalizando o discurso do pastor. Então, o pastor pede para que os fiéis abram a bíblia no versículo de João, para minha surpresa, Belle, que chegara depois de mim e sentara ao meu lado, retira de sua bolsa uma bíblia para que acompanhássemos a leitura. O sermão remetia a “momentos difíceis”, à “necessidade de restaurar o bem, os bons valores da verdade de Deus”.

Ainda, surge em meio aos enunciados a “questão do aborto” e do “homossexualismo” (nas palavras do pastor), este chamando a atenção para como as pessoas usam seus corpos com descaso. Abrindo um parêntese, chamamos atenção, mais uma vez, para como os corpos são agenciados com base em concepções religiosas, constituídas por regras e concepções morais acerca de comportamentos prestigiados (desejado pelo sagrado) e condenados (profanizados). Desse modo, como sugere Alessandro Duranti (2001), as pessoas manipulam a língua, até certo ponto conscientemente, para integrá-la ao contexto em que se produzem as ideias no imaginário individual e coletivo.

Na saída do culto, nos bastidores do ritual, a LIBRAS não mais aparece como protagonista, a não ser através de algumas pessoas que sabem a língua e param para conversar com . Foi possível notar que, durante a saída da igreja, a corporalidade surda perde evidência e percebo que  utiliza algumas vezes a leitura labial e até vocaliza alguns sons do Português. Um exemplo dessa mudança revelada no agenciamento é quando chego até ele e pergunto cordialmente como está seu joelho (pois ele tinha feito uma cirurgia). Ele responde sussurrando “não cem por cento”. Em alguns momentos e espaços, a corporalidade e língua surda perdem legitimidade e o surdo acaba por utilizar estratégias corporais pautadas na língua oral como recurso capaz de garantir a interação junto aos ouvintes.

5.4. Agenciamento da corporalidade surda e da LIBRAS

A agência presente na relação bio-psico-sociológico imbuída nas relações intersubjetivas das pessoas expressa uma lógica capaz de integrar o individual no social e vice e versa. Sendo assim, como apontam alguns autores, no momento que os indivíduos se encontram, eles mobilizam ideias, conceitos, crenças, trocas e coisas, inspirados naquilo que acontece e nos objetivos traçados pelo tipo de interação social.

Nos cultos, surdos e ouvintes se encontram com o objetivo de professar sua crença e reafirmar sua aliança com o sagrado. No momento da interação social entre os fiéis, a língua é mobilizada de modo que as sentenças expressas estejam dispostas em consonância com os pressupostos religiosos sugeridos. A partir dos rituais religiosos Batista e Presbiteriano, verificou-se a relação do ordinário com o extraordinário, ligando o espaço material e o comportamento social ao simbólico produzido pelo imaginário do próprio grupo reunido. Para Duranti (2004), “*agency in language*” sempre ocorrerá no momento do encontro, ou seja, quando uma pessoa enuncia um discurso, durante uma situação historicamente localizada, ela busca adequar o que quer dizer com o que se pode dizer, levando em conta aquilo que é permitido dizer e compreensível para o interlocutor.

Foi verificado, durante alguns discursos enunciados pelo pastor, que a intérprete alterava a direção em que um determinado sinal era realizado. Normalmente dirigindo-se para o céu quando remetia ao sagrado e para o chão quando se referia ao inferno. Assim, o agenciamento da LIBRAS manipulada durante a interpretação sofria uma adaptação para manter o sentido simbólico expresso nas sentenças em Língua Portuguesa. Ficou evidente, durante o trabalho de campo, a relação direta dos surdos-líderes e intérpretes no agenciamento da Língua de Sinais. A agência ocorria pela presença dos surdos no espaço religioso, através da própria concepção religiosa acerca da corporalidade surda, dos intérpretes que atuavam nas igrejas e devido esta ser acionada com base na “palavra de Deus” enunciada pelo pastor.

Analisou-se que, quando a/o intérprete sinalizava alguma frase que remetia ao sagrado, este assumia uma performance discursiva que alterava a direção do sinal e da posição da cabeça, agregando expressão não manual (ou facial) na ocorrência do sinal, diferente do uso gramatical formal dado ao sinal. Tal fenômeno pode ser observado em um discurso mobilizado pelo pastor, selecionado e analisado a partir da interpretação do/da intérprete:

“... vamos agradecer ao senhor, aleluia.”, “... senhor agradecemos a ti, porque verdadeiramente acreditamos na tua palavra, meu Deus, abençoe que essa palavra seja viva pra ser cumprida em nós”, e “senhor seja o suprimento das nossas necessidades, meu deus habita na vida de sua igreja, ensine sua palavra” (FRAGMENTO RETIRADO DO CADERNO DE CAMPO, 2014).

O trecho acima exemplifica aspectos fundantes presentes nos ritos e rituais: “considerados como um conjunto de condutas individuais ou coletivas relativamente codificadas, como suporte corporal (verbal gestual e de postura), caráter repetitivo e forte cara simbólica para atores e testemunhas” (SELEGAN, 2002, p.32). Frente a isso, as condutas presentes na interação sofrem manipulação psicossocial identificada no modo como elas organizam as palavras (sinais), entonações e demais posturas corporais no momento que se encontram com o sagrado. O efeito simbólico sobre a corporalidade expressada na situação é garantida pelo do tipo de agência ocorrida no momento do encontro social (GOFFMAN, 2001).

Percebeu-se que, no momento em que ocorria a interpretação do enunciado acima, os sinais equivalentes na LIBRAS de “AGRADECER” e “SENHOR” eram realizados de modo diferente do observado no espaço acadêmico. Quando estes sinais eram mobilizados, sofriam alteração morfológica na direção que o movimento do sinal era realizado. Sempre que isso acontecia, os sentidos simbólicos operados na língua de origem era mantido na língua de chegada (ROSA, 2006). A seguir, podemos observar a variação sofrida pelos sinais:

	Agência no contexto religioso	Agência no contexto acadêmico
AGRADECER	<ul style="list-style-type: none"> • Configuração de mão: aberta; • Locação: testa e peito; • Movimento: <u>arco para cima</u> • Orientação de mão: para dentro; • Expressão não manual: <u>cabeça levemente inclinada para trás e sobrancelhas podendo estar levantadas ou juntadas com testa franzida.</u> 	<ul style="list-style-type: none"> • Configuração de mão: aberta; • Locação: testa e peito; • Movimento: <u>arco para frente;</u> • Orientação de mão: para dentro; • Expressão não manual: <u>neutra ou sobrancelhas levantadas dependo da intencionalidade e intensidade.</u>
SENHOR	<ul style="list-style-type: none"> • Configuração de mão: em R; • Locação: testa; • Movimento: <u>para cima</u> • Orientação de mão: para frente; • Expressão não manual: <u>cabeça levemente inclinada para trás e sobrancelhas podendo estar levantadas ou juntadas com testa franzida.</u> 	<ul style="list-style-type: none"> • Configuração de mão: em R; • Locação: testa; • Movimento: <u>para frente</u> • Orientação de mão: para frente; • Expressão não manual: <u>neutra ou sobrancelhas baixa ou levantadas dependendo da intencionalidade e intensidade.</u>

QUADRO 5: Agenciamento da LIBRAS no contexto religioso.

A descrição da realização dos sinais acima revela diferenças linguísticas dispostas na agência conforme o contexto em que eles acontecem. O sinal de “agradecer” e “senhor” sofre mudança em alguns dos parâmetros gramaticais que constituem os sinais na sintaxe da LIBRAS. Eles têm a direção do sinal e a expressão não manual alterados, como pode ser observado no quadro acima. Para melhor evidenciar a variação morfológica sofrida pelos sinais, segue uma imagem referente à escrita do sinal AGRADECER – SignWriting (STUMPF, 2006):

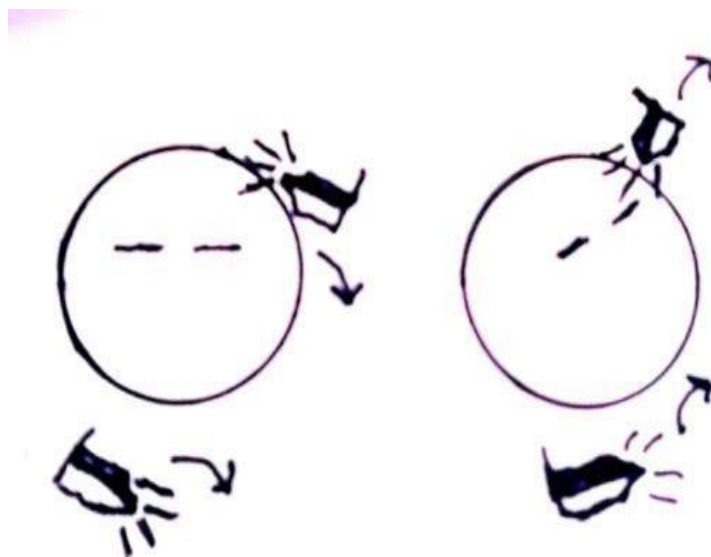


Imagem5: Sinal “agradecer” no sentido de retribuir educadamente por um favor feito, e o sinal “agradecer” à Deus por alguma dádiva.

O fenômeno acima pode ser observado quando a intérprete sinalizou a seguinte sentença pronunciada pelo Pastor: “... vamos agradecer ao senhor, aleluia... senhor agradecemos a ti, porque verdadeiramente acreditamos na tua palavra, meu Deus, abençoe que essa palavra seja viva pra ser cumprida em nós” (DISCURSO DO PASTOR - DIÁRIO DE CAMPO, 2013).

O emprego de “agradecer” e de “senhor” no sentido mítico-religioso influencia no agenciamento interno da LIBRAS e, automaticamente, a corporalidade surda liga-se ao sagrado cultuado naquele momento. Quando isso acontece, no momento em que o sinal é realizado, a sua direção volta-se para cima, a cabeça é inclinada levemente para trás e os olhos lentamente se voltam para cima. Este movimento não é observado quando o sinal é feito no espaço acadêmico. Tal fenômeno se insere no contexto do sagrado, que “manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades ‘naturais’ [...] a linguagem apenas pode sugerir tudo o que

ultrapassa a experiência natural do homem mediante termos tirados dessa mesma experiência natural” (ELIADE, 1992, p.12-13).

A ocorrência da Língua de Sinais durante os cultos nos espaços religiosos, o reconhecimento e legitimação da corporalidade surda nestes lugares são aspectos que apresentam agência. Os espaços Batista e Presbiteriano investigados fornecem pistas para compreender alguns fenômenos linguísticos da LIBRAS, presentes nas performances dos agentes surdos e ouvintes durante a interação social. É possível dizer que a Língua Brasileira de Sinais é mobilizada de modo particular quando ocorre no contexto ritual realizados periodicamente no espaços religiosos investigados.

Considerações finais

Esta etnografia buscou contribuir na produção de conhecimento acerca do corpo surdo e da língua de sinais por meio das experiências e relações envolvendo pessoas surdas e ouvintes na sociedade brasileira. Nesse sentido, foi realizado um trabalho de campo junto aos agentes integrantes de uma rede social mapeada na cidade de Viçosa, MG. Através de estudos bibliográficos, entrevistas e observação participante foi evidenciada a existência de “choques culturais” (que podem gerar exclusão) envolvendo a corporalidade surda e ouvinte nos espaços de sociabilidade no contexto viçosense. Este fato atentou para a necessidade se compreender como os agentes surdos, líderes na rede, mobilizam, a partir do espaço religioso, a cultura e língua surda. Essa possibilidade está amparada em uma concepção mais geral de atendimento ao povo surdo em uma perspectiva missionária encontrada nas Igrejas Batistas e Pesbiterianas investigadas.

Partiu-se da hipótese de que os espaços religiosos protestantes supracitados influíam agência na corporalidade surda ligada a LIBRAS. Para observar a validade dessa hipótese, desenvolvemos uma aporte teórico e metodológico discutido no capítulo dois (procedimentos metodológicos). O trabalho de campo foi desenvolvido com base em referenciais teóricos da Antropologia Linguística e do Corpo buscando responder as perguntas de pesquisa: Seriam os espaços religiosos protestantes em Viçosa nichos de reinterpretação do corpo surdo e mudança gramatical da LIBRAS? Durante a celebração nos cultos, é possível verificar a legitimidade da corporalidade surda e a difusão da língua de sinais?

No capítulo três, desenvolvemos a discussão teórica que amparava nossa problemática de pesquisa. Observamos a existência paradoxal entre uma visão biomédica e socioantropológica

presente na interpretação sobre o fenômeno da não audição no corpo. Considerando tais perspectivas como polos opostos, situamos nosso estudo entre eles, observando a manifestação das corporalidades surdas e ouvintes a partir de campos de poder distintos, demarcados por construções linguísticas.

Sustentando nossas hipóteses e fornecendo respostas satisfatórias aos objetivos de nosso problema de pesquisa, desenvolvemos, no capítulo quatro, a descrição das evidências coletadas com base na realização do trabalho de campo ao longo de quatro anos de pesquisa, incluindo inserção direta no cotidiano dos surdos e intérpretes participantes da pesquisa, bem como, o aprendizado da LIBRAS pelos pesquisadores. Verificou-se a existência de uma rede social envolvendo agentes surdos usuários da língua, identificados como líderes no interior da rede, a

saber:  .

Para finalizar, analisamos, com base nas observações participante realizadas nos cultos da Igreja Batista e Presbiteriana, o agenciamento da corporalidade surda e da Língua Brasileira de Sinais. Notou-se que, nesses espaços, a relação da vida extraordinária e secular integra os indivíduos a uma consciência coletiva expressa no momento do ritual religioso. Sendo assim, quando os ritos dentro do culto eram mobilizados verbalmente (considerando também os significados não verbais) expressados pelo Pastor, os intérpretes da Igreja sinalizavam para os surdos. Estes assumiam uma performance corporal condizente com o contexto, dançando e batendo palmas assim como os ouvintes, no momento dos cantos por exemplo. Outro momento de agência pode ser verificado quando, durante uma oração, enquanto a maioria dos fiéis mantém sua cabeça baixa e olhos cerrados, o surdo ficara de pé olhando atentamente a sinalização do intérprete – tal postura não incomodou os demais fiéis, que estavam de cabeça abaixada e de olhos fechados. Além disso, a própria língua de sinais, por ter uma modalidade visual espacial e ocorrer no corpo de modo diferente das línguas orais, também sobre agência no momento em que é utilizada no ritual religioso.

Por fim, entendemos que a LIBRAS, assim como as línguas orais, sofrem agenciamento por influências internas e externas. Tais mudanças na maneira como a língua é utilizada se dão em consonância com as particularidades presentes no momento em que a situação social acontece. As pessoas, quando estão face a face, negociam sentidos e interesses que, de algum modo, apresentam-se na comunicação. Sendo assim, a manipulação, pelos agentes, de códigos linguísticos produzidos socialmente acontece durante a interação.

As evidências etnografadas acerca do uso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) durante a realização dos cultos mostram que algumas sentenças e sinais sofrem mudança em pelo menos um dos parâmetros gramaticais. Assim, a constituição referente à estrutura do sinal e ao seu sentido é remodelada quando o sinal AGRADECER remete a uma dádiva divina e, SENHOR, para se referir a Deus (ao sagrado). Tal movimento, presente no sinal de AGRADECER não é observado quando alguém faz alguma coisa para outra pessoa, como sinônimo de pessoa educada.

Portanto, a agência da corporalidade surda e da LIBRAS acontece de três formas no espaço religioso: (i) quando, na concepção religiosa, é importante levar a palavra de Deus até o povo surdo, (ii) quando existem intérpretes inseridos na doutrina religiosa que, voluntariamente, realizam a interpretação no cultos e, (iii) quando os surdos vão à igreja. No interior dessas três possibilidades, tanto os ouvintes que participam da Igreja quanto os surdos visualizam a a corporalidade surda e LIBRAS, o que garante divulgação e popularidade. Ainda, de modo interno, a língua é modificada morfologicamente quando os sentidos transpostos da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais remetem ao sagrado.

Referências Bibliográficas

- ASSIS SILVA, César Augusto. **Cultura Surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade**. In: César Augusto de Assis Silva. São Paulo: Terceiro nome, 2012.
- _____. **Deficiência e surdez: pragmática de categorias, aproximações e tensões**. In: Seminário do Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, 2013.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. In: Michael Angrosino In: Coleção de pesquisa qualitativa/coordenada por Uwe Flick. Porto Alegre: Artmed, 2009. 138p.
- BARNES, J. A. **Redes Sociais e Processo Político**. In: FELDMAN-BIANCO, BELA (org). A Antropologia das Sociedades Contemporâneas–Métodos. São Paulo: Global, 1987.
- BEAUND, Stéphane & WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo**. Ed. Vozes, Petrópolis –RJ. 2007
- BLOM, Jan-Petter; GUMPERZ, John.O **Significado Social na estrutura lingüística: Alternância de códigos na Noruega**. In: RIBEIRO, Branca Telles. Sociolinguística Interacional. Porto Alegre: AGE, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail [1929-1930]. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**, 12ª Edição: HUCITEC,São Paulo, SP, 2006.
- BANKS, Marcus. **Dados Visuais para pesquisa qualitativa**. Marcus Banks In: Coleção pesquisa qualitativa/coordenada por Uwe Flick. Porto Alegre: Artmed, 2009. 176p.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**, Porto Alegre: Zouk, 2006.
- BOURDIEU, P. **L'économie des échanges linguistiques**. *Langue Française*, Traduzido por Paula Montero, 1977.
- CSORDAS, Thomas. **Corpo/Significa/Cura**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2008.
- CITRO, Silvia. **Cuerpos Significantes –Travesías de una etnografía dialéctica**. Buenos Aires: Biblos, 2009.
- CALVET, Louis-Jean. **SOCIOLINGÜÍSTICA: uma introdução crítica**, São Paulo: Parábola, 2002.

CAPOVILLA, F. C. **Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo.** In: Revista brasileira de educação especial, In: revista@abpee.net, São Paulo, v. 6. 2000, 99-113p.

Da MATTA, Roberto. **A antropologia no quadro das ciências.** In: Relativizando: Uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

_____. **O trabalho de campo.** In: Relativizando. Uma introdução à Antropologia Social, RJ: Rocco, 2. Ed. 1990, 143-173p.

DE SOUZA, GEDIEL & GONÇALVES. **Preconceito Linguístico e a Língua Brasileira de Sinais.** In: III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, UNEB Campus I Salvador, BA, 2013. Disponível em: <http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2013/06/Preconceito-lingu%C3%ADstico-e-a-l%C3%ADngua-brasileira-de-sinais.pdf>

DURANTI, Alessandro. **The scope of Linguistic Anthropology.** In: Linguistic Anthropology. New York, NY: Cambridge University Press, 1997.

_____. Linguistic Anthropology. New York, NY: Cambridge University Press, 1997.

_____. Linguistic Anthropology: A reader. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2001.

_____. Key Terms in Language and Culture. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2001.

DINIZ, D. **Modelo social da deficiência: a crítica feminista.** In: revista Séries, n. 28, p.1-8, Ed: Letras Livres, Brasília, 2003.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** In: Norbert Elias. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1994.

FIALHO; ALVES & LOPES. **Clima e sítio na zona da mata mineira: uma análise em episódio de verão.** Revista Brasileira de Climatologia. ano 7. vol. 8. São Paulo, 2011.

FOUCAULT, Michael. **Os Anormais.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão;** tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

GEDIEL, A. L.; VICTORA, Ceres. **Sinais do Corpo, Sinais com o Corpo, Sinais através do corpo.** In: VII Reunião de Antropologia do mercosul– UFRGS, GT46 – técnicas corporais, performance e identidades, Porto Alegre, 2007.

GEDIEL, A. L. **Falar com as Mãos e Ouvir com os Olhos? A corporificação dos Sinais e os significados dos corpos para os Surdos de Porto Alegre.** (Tese de Doutorado em Antropologia Social). Porto Alegre: UFRGS, 2010.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOFFMAN, E. A representação do eu na vida cotidiana. 16ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. “A Elaboração da Face”. In: FIGUEIRA, Sérvulo A (org.). *Psicanálise e ciências sociais.* Rio de Janeiro, RJ: Livraria Francisco Alves Editora S.A, 1980.

_____. **“Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada”.** 4ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____. **“A Situação Negligenciada”.** In: RIBEIRO, Branca Telles. *Sociolinguística Interacional.* Porto Alegre: AGE, 1998

GUMPERZ, John. **Convenções de Contextualização.** In: RIBEIRO, Branca Telles. *Sociolinguística Interacional.* Porto Alegre: AGE, 1998.

INGOLD, Tim. **Pare, Olhe, escute! Visão, audição e movimento humano.** Ponto. Urbe – Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP. Ano 2, versão 3.0, Julho de 2008. Acesso em 22.03.2012: <http://n-a-u.org/pontourbe03/timingold.html>.

K E A T I N G, Elizabeth; MURUS, Gene. **American Sign Language in virtual space: Interactions between deaf users of computer-mediated video communication and the impact of technology on language practices.** *Language in Society* 32, 693–714: Cambridge University Press, 2003.

KOCHE, JoséCarlos. **Fundamentos de Metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa.** In: JoséCarlos Koche. 28. Ed. –Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MAGNANI, JoséGuilherme C. “quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”. In MAGNANI, J. G. & TORRES, Lilian. **Na metrópole: textos de antropologia urbana.** São Paulo: Eduso/Fapesp, 2000.

_____. **De dentro e de dentro: notas para uma etnografia urbana.** In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, n. 49, pp. 11-29, 2002.

_____. **Vai ter música? –para uma antropologia das festas juninas de surdos na cidade de São Paulo.** In: *Ponto. Urbe*, vol. 1, 2007.

- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003
- MINAYO, M. C. de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**: Vozes, Rio de Janeiro, 2012.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. In: Trabalho do Antropólogo. São Paulo: Ed. Unesp; paralelo 15, 2000. pp 17-35.
- PANIAGO, M. C. Tafuri. **Viçosa –mudanças socioculturais; evolução histórica e tendências**. Viçosa, MG: UFV, 1990. 300p.
- PEIRANO, M. O dito e o Feito: ensaios de antropologia dos rituais. Relume Dumará : Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.
- ^{, 2002}
QUADROS, Ronice Muller de & KARNOPP, Lodenir. **Língua de Sinais Brasileira – Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- QUADROS, R. M. de. O bi do bilingüismo na educação de surdos In: Surdez e bilingüismo. 1 ed. Porto Alegre : Editora Mediação, 2005, v.1, p. 26-36.
- ROSA, Andréa da Silva. *A (im)possibilidade da fidelidade na interpretação da Língua Brasileira de Sinais*. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.123-135, jun.2006.
- SEGALIN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. In: Martine Segalen. Rio de Janeiro: FGV, 2002. pp.17-67.
- SOUZA, Genésio Seixas. **Linguística Histórica/Antropologia Linguística: possibilidades interdisciplinares**. In: Notícias do Brasil, Lisboa: ed. Alfa-Biblioteca da Expansão Portuguesa, 1989.
- STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2ª.ed. ver. Ed.: UFSC, Florianópolis, 2009. 133p.
- STUMPF, Marianne. **Práticas de Bilingüismo – relato de experiência**. In: ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.285-291, jun. 2006 – ISSN: 1676-2592.
- TURNER, Victor W. **O processo Ritual: estrutura e anti-estrutura**. In: Victor Tuner. Coleção Antropologia. Petrópolis: Vozes, pp.1974. 13-60.
- VIGOTSKY, Lev Semenovich [1896-1934]. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. pp.21-51.

